

2º CICLO DE ESTUDOS
MESTRADO EM ENSINO DE PORTUGUÊS NO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO E
ENSINO SECUNDÁRIO

O Impacto da Épica Camoniana e da Parenética Vieiriana na Aquisição e Consolidação de Recursos Expressivos, ao Nível dos 9º e 11º Anos de Escolaridade

Pedro Miguel Gomes de Figueiredo Rua

M

2023



Pedro Miguel Gomes de Figueiredo Rua

O Impacto da Épica Camoniana e da Parenética Vieiriana na Aquisição e Consolidação de Recursos Expressivos, ao Nível dos 9º e 11º Anos de Escolaridade

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de Português no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, orientado pela Prof.ª Doutora Sofia Maria Cruz de Melo Araújo e coorientado pela Prof.ª Doutora Zulmira da Conceição Trigo Gomes Marques Coelho Santos

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2023

A meus falecidos avós – onde quer que se encontrem.

Sumário

Declaração de honra	IX
Agradecimentos	X
Resumo	XI
Abstract	XII
 Introdução	 1
 1. Observações Preliminares e Revisão da Literatura	 2
 1.1. Precisão terminológica	2
1.2. Relevância e projeção do conteúdo «recursos expressivos» no quadro das «Aprendizagens Essenciais»	3
1.3. O estudo dos recursos expressivos no 9º ano de escolaridade	6
1.4. O estudo dos recursos expressivos no 11º ano de escolaridade	8
1.5. Caracterização sumária do Agrupamento Escolar Alexandre Herculano – Porto (Freguesia do Bonfim)	9
1.6. Caracterização sumária das três turmas do Agrupamento Escolar Alexandre Herculano com estágio supervisionado de Português, no ano letivo 2022/2023	13
 2. Sistematização e Taxonomia de Alguns Recursos Expressivos Prototípicos – Noções Elementares	 17
 2.1. Figuras de estilo de nível fonético	21
2.1.1. Aliteração	21
2.1.2. Assonância	21
2.1.3. Paronomásia	23

2.2. Figuras de estilo de nível morfossintático	24
2.2.1. Anáfora (modalidade de repetição)	24
2.2.2. Anacoluto	25
2.2.3. Anástrofe	26
2.2.4. Assíndeto	27
2.2.5. Elipse	27
2.2.6. Enumeração	28
2.2.7. Epanadiplose (modalidade de repetição)	30
2.2.8. Epanalepse (modalidade de repetição)	30
2.2.9. Epífora (modalidade de repetição)	32
2.2.10. Hipérbato	33
2.2.11. Paralelismo	34
2.2.12. Polissíndeto	35
2.2.13. Quiasmo	36
 2.3. Figuras de estilo de nível semântico	 38
2.3.1. Alegoria	38
2.3.2. Antítese	41
2.3.3. Antonomásia	43
2.3.4. Comparação	43
2.3.5. Hipálage	45
2.3.6. Hipérbole	46
2.3.7. Ironia	47
2.3.8. Metáfora.....	49
2.3.9. Metonímia	59
2.3.10. Personificação.....	60
2.3.11. Sinédoque.....	61
2.3.12. Sinestesia.....	64

2.4. Alguns Exemplos Significativos de Recursos Expressivos em <i>Os Lusíadas</i>, de Luís de Camões.....	65
2.5. Alguns Exemplos Significativos de Recursos Expressivos no <i>Sermão de Santo António aos Peixes</i>, do Padre António Vieira.....	68
 3. Testagem do Impacto do Estudo da Épica Camoniana e da Parenética Vieiriana na Aquisição e Consolidação de Recursos Expressivos, ao Nível dos 9º e 11º Anos de Escolaridade, com subsequente desenvolvimento de uma metodologia de investigação-ação para maximizar o impacto efetivo de tal estudo, a esse nível.....	73
 3.1. Considerações quanto ao impacto da épica camoniana na aquisição e consolidação de recursos expressivos, ao nível do 9º ano de escolaridade.....	73
3.1.1. Recursos expressivos – Resultados de um teste diagnóstico (anónimo) distribuído a uma turma do 9º ano de escolaridade – turma do 9º X – do Agrupamento Escolar Alexandre Herculano (2022-2023), em momento anterior ao estudo d’ <i>Os Lusíadas</i> , de Luís de Camões	73
3.1.2. Recursos expressivos – Resultados de um teste diagnóstico (anónimo) distribuído a uma turma do 9º ano de escolaridade – turma do 9º X – do Agrupamento Escolar Alexandre Herculano (2022-2023), em momento ulterior ao estudo d’ <i>Os Lusíadas</i> , de Luís de Camões – sem aplicação de uma metodologia de investigação-ação.....	75
3.1.3. Recursos expressivos – Resultados de um teste diagnóstico (anónimo) distribuído a uma turma do 9º ano de escolaridade – turma do 9º X – do Agrupamento Escolar Alexandre Herculano (2022-2023), em momento ulterior ao estudo d’ <i>Os Lusíadas</i> , de Luís de Camões – com aplicação de uma metodologia de investigação-ação.....	80
 3.2. Considerações quanto ao impacto da parenética vieiriana na aquisição e consolidação de recursos expressivos, ao nível do 11º ano de escolaridade.....	85

3.2.1. Recursos expressivos – Resultados de um teste diagnóstico (anónimo) distribuído a uma turma do 11º ano de escolaridade – turma do 11º Z – do Agrupamento Escolar Alexandre Herculano (2022-2023), em momento anterior ao estudo do <i>Sermão de Santo António aos Peixes</i> , do Padre António Vieira.....	85
3.2.2. Recursos expressivos – Resultados de um teste diagnóstico (anónimo) distribuído a uma turma do 11º ano (do Agrupamento Escolar Alexandre Herculano / 2022-2023), em momento ulterior ao estudo do <i>Sermão de Santo António aos Peixes</i> , do P. António Vieira – sem aplicação de uma metodologia de investigação-ação.....	87
3.2.3. Recursos expressivos – Resultados de um teste diagnóstico (anónimo) distribuído a uma turma do 11º ano (do Agrupamento Escolar Alexandre Herculano / 2022-2023), em momento ulterior ao estudo do <i>Sermão de Santo António aos Peixes</i> , do P. António Vieira – com aplicação de uma metodologia de investigação-ação.....	94
Considerações Finais.....	98
Bibliografia.....	101
ANEXOS.....	104
ANEXO 1 - 9º ANO / 1º teste (teste diagnóstico prévio ao estudo d’ <i>Os Lusíadas</i>).....	105
ANEXO 2 - 9º ANO / 2º teste (teste diagnóstico ulterior ao estudo d’ <i>Os Lusíadas</i> – sem aplicação de uma metodologia de investigação-ação).....	107
ANEXO 3 - 9º ANO / 3º teste (teste diagnóstico ulterior ao estudo d’ <i>Os Lusíadas</i> – com aplicação de uma metodologia de investigação-ação).....	109
ANEXO 4 - 11º ANO / 1º teste (teste diagnóstico prévio ao estudo do <i>Sermão de Santo António aos Peixes</i>).....	112
ANEXO 5 - 11º ANO / 2º teste (teste diagnóstico ulterior ao estudo do <i>Sermão de Santo António aos Peixes</i> – sem aplicação de uma metodologia de investigação-ação).....	115

ANEXO 6 - 11º ANO / 3º teste (teste diagnóstico ulterior ao estudo do <i>Sermão de Santo António aos Peixes</i> – com aplicação de uma metodologia de investigação-ação).....	118
--	------------

Declaração de honra

Declaro que o presente relatório é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 2023

Pedro Miguel Gomes de Figueiredo Rua

Agradecimentos

Às Professoras Sofia e Zulmira que me deram a honra de aceitar a orientação deste despretenso relatório.

Aos meus indulgentes leitores.

Resumo

Num contexto de escolaridade obrigatória, o contacto regular, ou sistemático, com obras literárias dotadas de particular densidade retórica – muito especialmente no caso de tal projeção expressiva ter na sua base a conjugação (esteticamente orientada) de uma ampla multiplicidade de recursos estilísticos – como é o caso d’ *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, no 9º ano, ou do *Sermão de Santo António aos Peixes*, do Padre António Vieira, no 11º ano – rentabilizará, expectavelmente, a aquisição e consolidação de recursos expressivos por parte dos aprendentes. Mas será factualmente assim? E, a sê-lo, será tal impacto *linear* ou *proporcional*? Constata-se, aparentemente, que havendo um real impacto positivo, nem sempre o mesmo é *proporcional* ao alto nível estilístico de tais obras. A razão dessa limitada reproduzibilidade decorrerá de duas causas: da dificuldade de uma apreensão, em bloco, da extensa multiplicidade de definições ou categorizações que um tão amplo leque de recursos estilísticos inelutavelmente convoca e que o aluno em maior ou menor extensão, com maior ou menor precisão, terá (ou não) logrado memorizar [1], mas igualmente da natural dificuldade de subsunção de cada concreto excerto literário estilisticamente significativo (com as suas inevitáveis peculiaridades) às sobreditas definições ou categorizações genéricas (dificuldade de subsunção logicamente variável de indivíduo para indivíduo) – esta última de problemática superação [2]. Porém, a primeira das duas enunciadas dificuldades aparenta ser amplamente contornável pela adoção (desejavelmente regular) de exercícios de correspondência entre excertos literários e recursos expressivos acompanhados da respetiva definição ou delimitação conceptual (não experimentada nos manuais escolares correntes).

Palavras-chave: Recursos expressivos, *Os Lusíadas*, *Sermão de Santo António aos Peixes*, Aprendizagem.

Abstract

In a context of compulsory schooling, regular or systematic contact with literary works endowed with a particular rhetorical density – especially in the case of such expressive projection based on the (aesthetically oriented) combination of a wide variety of stylistic resources – as is the case of *Os Lusíadas*, by Luís de Camões, in the 9th grade, or the *Sermão de Santo António dos Peixes*, by Padre António Vieira, in the 11th grade – will hopefully make the acquisition and consolidation of expressive resources by the learners profitable. But is it factually so? And, if so, will such an impact be linear or proportional? Apparently, if there is a real positive impact, it is not always proportional to the high stylistic level of such works. The reason for this limited reproducibility stems from two causes: the difficulty of apprehending, in a block, the extensive multiplicity of definitions or categorizations that such a wide range of stylistic resources ineluctably summons and that the student, to a greater or lesser extent, with greater or lesser extent. accuracy, will have (or not) managed to memorize [1], but equally from the natural difficulty of subsuming each concrete stylistically significant literary excerpt (with its inevitable peculiarities) to the aforementioned generic definitions or categorizations (difficulty of subsuming logically variable from individual to individual) – the latter of problematic overcoming [2]. However, the first of the two mentioned difficulties appears to be largely circumventable by adopting (desirably regular) correspondence exercises between literary excerpts and expressive resources accompanied by the respective definition or conceptual delimitation (not experienced in current school textbooks).

Keywords: Expressive resources, *Os Lusíadas*, *Sermão de Santo António aos Peixes*, Learning.

Introdução

Se há característica intrínseca aos programas oficiais que nas últimas décadas se vão sucedendo – ela não é outra senão a sua consabida efemeridade. Sem embargo, e a despeito de um tal predicado, a verdade é que as sucessivas gerações escolares são – durante anos – assoberbadas de elementos gramaticais, com considerável déficit de lições de construção sintática e quase absoluta penúria de algumas noções básicas da arte da palavra.

Não caímos, contudo, no exagero de um Rodrigues Lapa, que no prefácio à sua *Estilística da Língua Portuguesa* (1945), propondo-se «combater certo gramaticalismo pedante, muito lógico e muito despótico», clamava ser tal gramaticalismo: «um perigo constante para os aprendizes do estilo», apresentando a sua «Estilística» como «uma longa diatribe contra a Gramática e os gramaticões».

Importará pontuar que se a sintaxe, tendo por foco as regras de combinação das palavras, é necessária à correta expressão do pensamento, é à estilística – por seu turno – que compete assegurar a beleza e dimensão estética dessa mesma expressão; sendo justamente pela dimensão estética da expressão que o texto literário se singulariza dos outros géneros textuais.

Neste mesmo sentido – porque o texto literário está fortemente indexado à estilística e a mesma supõe uma articulação de regras combinatórias – é compreensível que a estilística seja, por vezes, identificada como a «sintaxe literária».

Não se olvide, todavia, que os documentos programáticos de referência colocam uma ênfase porventura excessiva no que é instrumental, e a esse nível nas partes que compõem o «instrumento linguístico», seus nomes e suas relações. Só muito limitadamente abrem as portas para o manejo desse instrumento e dão vislumbre das maravilhas artísticas que com o mesmo se podem alcançar.

Na prática letiva comum, mesmo quando o objeto de estudo não é um texto de natureza puramente funcional mas um texto literário, sistematicamente se descumram as competências linguísticas de nível superior (e aqui se pressupõem os recursos expressivos e muito em particular as figuras retóricas ou estilísticas), em detrimento da

aplicação de grelhas de análise textual padronizadas, nas quais pontificam conceitos narratológicos de cunho estruturalista.

Sem embargo, afigura-se-nos como nítido que a principal finalidade do ensino da língua materna há de ser a aprendizagem da arte de expor e redigir, e não a interiorização de abstrações frias e fastidiosas de índole analítica, terminológica ou classificativa.

O contacto da inteligência com obras superiores (caso de uma narrativa épica da qualidade de *Os Lusíadas* ou de um expoente da literatura barroca como o *Sermão de Santo António aos Peixes*) é, provavelmente, o melhor dos caminhos para iluminar as mentes – pois são, tais obras, verdadeiras fontes de relações, de observações, de lições e de exemplos, franqueando, como nenhuma outra, as portas para um campo de beleza e de análise inesgotável.

Adotando uma perspetiva intencionalmente prática, centra-se o presente estudo na tentativa de maximização desse mesmo potencial, através da otimização do concreto exercício didático.

1. Observações Preliminares e Revisão da Literatura

1.1. Precisão Terminológica

No presente relatório, a designação «recursos expressivos» é tomada numa aceção restritiva – reportando-se, fundamentalmente, às chamadas figuras retóricas ou figuras de estilo – aqui se incluindo (como adiante veremos): figuras de estilo de nível fonético, morfossintático e semântico.

Não obstante, impõe-se frisar que a matéria dos recursos expressivos é consideravelmente mais vasta; cabendo mencionar, entre muitos outros, os seguintes tópicos:

- os arcaísmos;
- os neologismos;

- a gíria e o calão;
- os provincianismos;
- os diminutivos e aumentativos;
- as onomatopeias;
- o recurso ao presente histórico ou narrativo;
- o uso estilístico dos advérbios terminados em «-mente»;
- a repetição do verbo para sugerir reiteração ou intensidade;

(ex.: Andou, andou, andou até avistar o primeiro povoado.)

- a superlativação através da intercalação da contração da proposição «de» com o artigo definido entre a repetição de um nome ou de um adjetivo transformado em nome;

(ex.: «o poeta dos poetas»; «o azarado dos azarados»; «o triste dos tristes»)

- o recurso a séries sinonímicas para insinuar ou sugestionar intensidade;

(ex.: «Crescia em si um desejo forte, robusto, vigoroso.»; «Era preciso, necessário, imperioso saldar aquela dívida.»);

- o recurso ao discurso indireto livre.

1.2. Relevância e Projeção do Conteúdo «Recursos Expressivos» no Quadro das «Aprendizagens Essenciais»

Desde 2015 até à presente data, os chamados «programas escolares» vêm sendo submetidos a uma crescente dinâmica de simplificação. Especialmente relevante – a este nível – foi o Despacho nº 6605-A/2021, de 6 de julho – emitido pelo Secretário de Estado Adjunto e da Educação. Tal diploma operou a substituição dos «programas escolares» tradicionais pelas chamadas «Aprendizagens Essenciais» – cuja ampla abrangência se estende desde o 1º ao 12º ano.

No que ao nosso tópico concerne, importa elencar quais os recursos expressivos cujo estudo se acha previsto em sede de escolaridade obrigatória – frisando a que anos letivos é alocado o estudo de cada um desses recursos em particular (não obstante tal repartição seja, como adiante veremos, muito relativa e largamente contingente).

Assim, é esta a sequência da «identificação e reconhecimento» do valor dos diferentes recursos expressivos, ao longo do 3º Ciclo do Ensino Básico e do Secundário:

→ 5º Ano: explicar recursos expressivos utilizados na construção dos textos literários – designadamente: **personificação e comparação**;

→ 6º Ano: explicar recursos expressivos utilizados na construção de textos literários – designadamente: **anáfora e metáfora**;

→ 7º Ano: explicar recursos expressivos utilizados na construção do sentido (parêntesis nosso: há aqui uma omissão, mas presume-se que se trate da construção do sentido do texto): **enumeração, pleonismo e hipérbole**;

→ 8º Ano: compreender a utilização de recursos expressivos na construção de sentido do texto – designadamente, a **antítese**;

→ 9º Ano: identificar e reconhecer o valor dos seguintes recursos expressivos: **perífrase, eufemismo e ironia**;

→ 10º Ano: analisar o valor de recursos expressivos para a construção do sentido do texto, designadamente: **alegoria, interrogação retórica, metonímia, aliteração, apóstrofe, anástrofe**;

→ 11º Ano: analisar o valor de recursos expressivos para a construção do sentido do texto, designadamente: **adjetivação, gradação, metonímia, sinestesia**;

→ 12º Ano: analisar o valor de recursos expressivos para a construção do sentido do texto, designadamente: **adjetivação, gradação, metonímia, sinestesia**.

O item aqui em causa cristalinamente demonstra o carácter de «menor denominador comum» dos documentos das «Aprendizagens Essenciais» (carácter que tais documentos expressamente assumem; desde logo ao assim se denominarem). Trata-se de aprendizagens mínimas; não se vedam aprendizagens mais extensas ou profundas – motivo pelo qual, quando tais documentos associam o estudo de certos recursos expressivos a cada um dos anos escolares em concreto, recorrentemente fazem anteceder a especificação das tipologias de recursos expressivos, a que se referem, do advérbio de modo: «designadamente». E nem de outro modo poderia ser, pois – como é por demais óbvio – os textos literários cujo estudo se vai sucedendo ao longo da escolaridade obrigatória não se confinam (nem jamais poderiam confinar) ao uso de um número limitado de recursos expressivos e menos ainda ao uso de um leque de figuras retóricas coincidente com as que se referenciam para cada ano escolar.

Um pontualíssimo e paradigmático exemplo desta factologia é o caso da sinédoque (caso particular de metonímia): «Ocidental praia Lusitana» – constante do 2º verso d’ *Os Lusíadas*. As «Aprendizagens Essenciais» não fazem qualquer referência ao estudo da metonímia ou da sinédoque até ao 10º ano de escolaridade (aliás jamais se referenciam à sinédoque – esta última peculiaridade todavia compreensível se levarmos em conta que se trata de uma tipologia de metonímia, como oportunamente aludimos). Sucede, porém, que a proposição d’ *Os Lusíadas* – na qual se inclui a dita sinédoque – é de estudo obrigatório no 9º ano de escolaridade. Será que por este motivo os manuais escolares adotados ignoram tal recurso expressivo?

Seguramente que não. Apesar de, até ao referenciado 10º ano de escolaridade, as citadas «Aprendizagens Essenciais» não preverem o estudo da metonímia ou da sinédoque, os compêndios adotados, no 9º ano, não descuram o recurso expressivo em questão. Exemplo emblemático é o caso do manual adotado no agrupamento escolar de estágio – **Novo Plural 9** (2013), de Elisa Costa Pinto e Vera Saraiva Baptista, da Raiz Editora – que expressamente (p. 190) insta o aluno a explicar em que consiste e como se designa o assinalado recurso expressivo: «Ocidental praia Lusitana» (a identificar como sinédoque). Solicitando resposta com base na consulta de um

glossário de figuras retóricas constante da p. 292: em que não se catalogando a metonímia, todavia se cataloga a sinédoque, aí definida como: «substituição de uma palavra por outra de expressão desigual (a parte pelo todo ou vice-versa), e justamente se exemplifica com o segmento textual: «"ocidental praia Lusitana" (Portugal) in *Os Lusíadas*».

1.3. O Estudo dos Recursos Expressivos no 9º Ano de Escolaridade

A visibilidade que os manuais escolares do 9º ano conferem à temática dos recursos expressivos é francamente limitada. Mesmo um manual de particular valia, ao qual reconhecemos um amplo mérito didático – referimo-nos ao manual poliautoral ***Conta Comigo 9*** (2021), de Conceição Monteiro Neto, Laura Guimarães, Olga Brochado, Rosa Maria Amaral e Susana Nunes, da Areal Editores (cientificamente revisto pela nossa diletta mestra Professora Doutora Clara Amorim – um *plus* bem ponderoso): não opera qualquer género de tratamento sistemático do conteúdo em questão. Ao longo dos seus cinco capítulos: «Ao longo da minha vida... – Diagnose»; «Quero sempre estar... – Texto Poético»; «À barca, à barca – Texto Dramático»; «Ó gente ousada... – Texto Épico»; «Havia que forçar-se o dicionário... – Texto Narrativo»: a matéria em causa é reduzida à ínfima expressão de umas quantas questões soltas, ou avulsas, largamente espaçadas – numa simples palavra: constataavelmente desirmanadas e sem conexão entre si. O assunto é remetido para um apêndice final (intitulado: «Aprende mais») e, mesmo aí, não chega a ocupar página e meia. Nesse liliputiano subapêndice, os recursos expressivos são listados, com subdivisão em 3 grupos: recursos de nível fónico, sintático e semântico – sendo acompanhados de sucinta definição, mas – desafortunadamente – privados de todo e qualquer exemplo literário ou coloquial.

O manual adotado no agrupamento escolar de estágio – ***Novo Plural 9*** (2013), de Elisa Costa Pinto e Vera Saraiva Baptista, da Raiz Editora – afina pelo mesmo diapasão. O mesmo é dizer que trata com certo descaso a matéria dos recursos expressivos; contabilizando, contudo, o pequeno crédito de incluir no seu «Capítulo 4 – Textos Poéticos»: um modesto glossário de recursos expressivos (de uma página [p. 292]), em

que a cada uma das quase telegráficas definições se associa, na esmagadora maioria dos casos: um único exemplo, quase sempre da inventiva das autoras.

Também o compêndio escolar *(Para)Textos 9* (2019), de Ana Miguel de Paiva, Gabriela Barroso de Almeida, Noémia Jorge e Sónia Gonçalves Junqueira, da Porto Editora, contempla um glossário (de duas páginas [pp. 91 e 92]) que elenca, define e exemplifica (com um exemplo por cada caso) os seguintes recursos expressivos (**destacamos a negrito** aqueles que não vêm previstos no documento programático «Aprendizagens Essenciais» até ao 9º ano [inclusive] e **sublinhamos e destacamos a negrito** aqueles outros que nem sequer se acham previstos no documento programático «Aprendizagens Essenciais» até ao 12º ano [inclusive]): **alegoria**, **aliteração**, anáfora, antítese, **antonomásia**, **apóstrofe**, **assíndeto**, **assonância**, comparação, **disfemismo**, enumeração, eufemismo, **gradação**, **hipálage**, **hipérbato**, hipérbole, ironia, metáfora, **metonímia**, **paradoxo**, perífrase, personificação, pleonismo, **polissíndeto**, **símbolo**, **sinédoque** [caso particular de metonímia], **sinestesia** e **trocadilho**; a que telegraficamente acrescenta (sem definição nem exemplificação) a **interrogação retórica** e a **adjetivação** (simples, dupla, tripla, múltipla ou anteposta [não referindo a adjetivação superlativada]), a **onomatopeia** e o **uso expressivo da pontuação**.

No que aos recursos expressivos se reporta, e talqualmente sucede com a generalidade dos manuais de «português língua materna» do 9º ano – de que o supracitado compêndio é exemplo paradigmático, é muito escassa a sintonia com o documento programático «Aprendizagens Essenciais». Em boa verdade, dos recursos aí enumerados e exemplificados – um total de **31 recursos expressivos** [não contabilizámos a sinédoque, já que, sendo um caso particular de metonímia, a subsumimos nesta última] – há **20 recursos expressivos que não vêm previstos no documento programático «Aprendizagens Essenciais» até ao 9º ano (inclusive) – o ano aqui em causa (recorde-se); havendo 12 recursos expressivos que nem sequer se acham previstos no documento programático «Aprendizagens Essenciais» até ao 12º ano (inclusive).**

1.4. O Estudo dos Recursos Expressivos no 11º Ano de Escolaridade

Tal como sucede quanto ao 9º ano de escolaridade, também os compêndios adotados para o 11º ano dão uma relevância muito residual à matéria dos recursos expressivos.

Se tomarmos como exemplo paradigmático o manual *Págin@s 11* (2022), de Maria João Pereira e Fernanda Bela Delindro, da Areal Editores – que aqui referimos por nos parecer um dos melhores de entre os disponíveis – não podemos deixar de constatar que a matéria dos recursos expressivos é, em larga medida, desterrada para uma espécie de apêndice final de natureza sumamente sintética, em que à telegráfica definição se associa, na maior parte dos casos, um escassíssimo número de exemplos – v.g. o caso da metáfora: recurso expressivo de primeiríssima ordem que não mereceu mais do que dois exemplos coloquiais e um exemplo literário. Mas figuras de estilo há que foram «honradas» com um único e solitário exemplo. Tudo isto fortemente contrastante com a dominância exponencial de assuntos como as chamadas funções sintáticas ou a classificação de orações – que logram reservar, para si, «subcapítulo» próprio em todo e cada um dos cinco «capítulos» que compõem o manual; isto é: «Sermão de Santo António aos Peixes», de Vieira; «Frei Luís de Sousa», de Garrett, «Amor de Perdição», de Camilo; «Os Maias», de Eça; e Antero e Cesário – Precursores do Modernismo.

Um outro manual de nomeada – *Letras em Dia 11* (2022), de Pedro Silva, Elsa Cardoso e Susana Ribeiro Nunes, da Porto Editora (por sinal o adotado pelo agrupamento escolar em que estagiámos) – chega ao extremo de remeter a teoria dos recursos expressivos para a última página – leia-se, bem: para a última das suas 384 páginas – em que, para cúmulo, nenhuma das aí declinadas figuras de estilo logra merecer mais de um ímpar e desacompanhado exemplo.

Menção à parte merece um outro compêndio da sobredita Porto Editora. Referimo-nos a *Marca a Página – Português 11º Ano* (2022), de Ricardo Cruz, Isolete Sousa, Bárbara Tavares e Daniela Pinheiro (com revisão científica e pedagógica de Helena Topa Valentim). Numa secção final, apelidada «páginas de consulta», elenca as

definições de 14 recursos expressivos [pp. 344 a 346], ignorando recursos tão básicos como a comparação e a personificação, e não referenciando sequer a hipálage – o que não é de somenos se tivermos em conta que uma das obras em estudo, no 11º ano, é precisamente «Os Maias», de Eça de Queirós – escritor que recorrentemente mobiliza a expressividade da hipálage. Particulariza-se, todavia, o sobredito manual, por associar as definições ou categorizações gerais dos recursos expressivos, e respetivo exemplo: a um exercício de escolha múltipla de 4 opções, destinado a aferir a compreensão do sentido expressivo desse específico exemplo (que naturalmente se pretende paradigmático).

Cabe uma referência especial ao guia escolar intitulado ***Preparação Para o Exame Final Nacional – Português 11º Ano*** (2021), de Noémia Jorge, Auxília Ramos, Zaida Braga e Susana Nunes, publicado pela Porto Editora. Seguramente que por uma questão de *cautela pedagógica*, o mencionado guia providencia aos seus adquirentes as definições ou categorizações gerais de um total de 33 recursos expressivos [pp. 303 e 304]. Não sendo ocioso frisar que, de entre tais recursos, se contam 12 recursos expressivos não especificados nos documentos das «Aprendizagens Essenciais» que *cobrem* o espectro letivo do 5º ao 11º ano. Concretamente: assíndeto, assonância, disfemismo, hipálage, hipérbato, onomatopeia, oxímoro, polissíndeto, repetição, sinédoque, trocadilho e uso expressivo do advérbio.

1.5. Caracterização sumária do Agrupamento Escolar Alexandre Herculano – Porto (Freguesia do Bonfim)

O Agrupamento Escolar Alexandre Herculano localiza-se na zona oriental da cidade do Porto – distribuindo-se pelas Freguesias do Bonfim e de Campanhã. A escola-sede do agrupamento – Escola Secundária Alexandre Herculano – e a escola onde estagiámos – Escola Básica Dr. Augusto César Pires de Lima – localizam-se na Freguesia do Bonfim.

Nesta circunscrição administrativa, de cerca de 23 mil residentes (que nas décadas de 40, 50 e 60 do século passado contava com mais de 40 mil habitantes),

desenvolveu-se, outrora, um próspero e pujante tecido industrial – hoje em franca decadência. Não obstante, continua o Bonfim a ser um dos mais relevantes polos económicos e culturais da cidade – merecendo destaque: a Faculdade de Belas Artes, a Biblioteca Municipal do Porto (junto ao belíssimo Jardim de São Lázaro), o monumental Colégio dos Salesianos, o Museu Militar do Porto e o Museu da Casa-Oficina António Carneiro, o histórico Cemitério do Prado do Repouso, a Ponte de D. Maria Pia (uma das obras-primas do engenheiro Gustave Eiffel) e obviamente: o emblemático Liceu Alexandre Herculano.

O antigo «Liceu Central Alexandre Herculano», projetado pelo notável arquiteto portuense Marques da Silva e inaugurado em 1921, é a sede do atual Agrupamento Escolar Alexandre Herculano; que inclui: o Liceu Alexandre Herculano, a Escola Básica Dr. Augusto César Pires de Lima, a Escola Básica Ramalho Ortigão, a Escola Básica da Lomba, a Escola Básica da Noêda, a Escola Básica da Alegria, a Escola Básica das Flores e a Escola Básica do Campo 24 de Agosto.

Presentemente (maio de 2023), o Liceu Alexandre Herculano – sede do agrupamento – encontra-se ainda em obras de remodelação (processo que se prolongou por alguns anos, atendendo à magnitude física da escola). Como tal, o nosso estágio decorreu por inteiro na Escola Básica Dr. Augusto César Pires de Lima – situada num quarteirão fronteiro à ala oriental do Liceu Alexandre Herculano.

No momento atual, a Escola Dr. Augusto César Pires de Lima – além do 3º Ciclo do Ensino Básico – vem acolhendo, em simultâneo, os três anos letivos do Ensino Secundário. Junta-se fotos do Liceu Alexandre Herculano (no topo) e da Escola Dr. Augusto César Pires de Lima (abaixo):



Este agrupamento é beneficiário do chamado «Programa TEIP (Território Educativo de Intervenção Prioritária)». Localizando-se num tecido urbano que inclui territórios económica e socialmente desfavorecidos (das freguesias portuenses do Bonfim e de Campanhã), marcados por alguns traços de pobreza, exclusão social e violência, que ocasionalmente se refletem – a nível escolar – num certo grau de indisciplina, abandono e insucesso, o agrupamento é compreensivelmente destinatário de um programa que, como é o caso do assinalado «Programa TEIP», visa promover uma escola mais inclusiva e com outros níveis de sucesso escolar.

As escolas integradas num «Território Educativo de Intervenção Prioritária » (como é o caso do Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano) – prossequindo um projeto

de «escola inclusiva» – distinguem-se pela diversificação das ofertas formativas, em função das específicas características da respetiva população escolar; sendo, a este respeito, colocada especial ênfase no desenvolvimento de componentes inovadoras nos domínios da educação ambiental, artística e tecnológica, e do ensino experimental das ciências. Outras duas vertentes são, por um lado, a formação do pessoal (especialmente do pessoal docente) em conjugação com os centros de formação das associações de escolas e com as instituições de formação inicial de docentes, e, por outro lado, a articulação estreita com a comunidade local, promovendo a gestão integrada de recursos e o desenvolvimento de atividades de âmbito educativo, cultural, desportivo e de ocupação de tempos livres.

O desenvolvimento do «Programa TEIP» conta com a coadjuvação de pessoal diferenciado não docente – nomeadamente, psicólogo escolar e técnico de serviço social.

Cabe, ainda, salientar que o Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano, não se resignando ao facto de os alunos serem naturalmente diferentes e, como tal, possuidores de ritmos de aprendizagem diversos – adotou (para o 3º Ciclo do Ensino Básico) um modelo de promoção do sucesso educativo similar ao «Projeto Fénix» (este último, operacionalizado a partir de 2006/2007 na Escola 2,3 de Beiriz [Póvoa de Varzim] e justamente assim denominado a partir de 2008).

Na prática, a partir das turmas convencionais («turmas-mãe» ou «turmas fénix») – e em função de uma avaliação diagnóstica prévia – aqueles alunos que evidenciam maiores lacunas na aprendizagem (ou que, pelo contrário, se revelam alunos de alto rendimento): são temporariamente destacados (por períodos de quatro semanas) e encaminhados para «turmas-ninho» (grupos de apoio educativo) que, no caso dos alunos de ritmo de aprendizagem mais baixo, ou que demonstram maiores falhas, se orientam para a recuperação e consolidação das aprendizagens e, no caso de alunos de alto aproveitamento, para a estimulação do elevado grau de proficiência das suas aprendizagens.

Tal processo beneficia da possibilidade de o docente da «turma-ninho» concentrar toda a sua energia e tempo em alunos cujas dificuldades e objetivos de aprendizagem

são da mesma natureza. A permanência dos alunos nas «turmas-ninho» (que funcionam em horário coincidente com o das respetivas «turmas-mãe») é constantemente reavaliada pelos professores da disciplina intervencionada.

1.6. Caracterização preliminar das três turmas da Escola Alexandre Herculano com estágio supervisionado de Português, no ano letivo 2022/2023

São três as turmas do Agrupamento Escolar Alexandre Herculano com estágio supervisionado de Português, no presente ano letivo de 2022/2023 (as quais aqui se designam por nomes fictícios): duas turmas do 3º Ciclo do Ensino Básico – 9º X e 9º Y – e uma turma do Ensino Secundário – 11º Z. É orientadora de estágio a Dra. Maria do Rosário Leitão e são mestrandos estagiários: Joana Maria Fonte Duarte da Silva e Pedro Miguel Gomes de Figueiredo Rua.

A caracterização – que se pretende o menos subjetiva possível – assenta bastante em elementos informativos prévios de procedência administrativa (cuja fonte é o portal eletrónico INOVAR); não obstante se afigurar legítimo adiantar alguma informação de natureza observacional.

Tudo compulsado, e esquematicamente falando, há a constatar o seguinte:

TURMA DO 9º X

Turma homogénea e participativa, com um nível de conhecimentos bastante razoável, e que prima, por vezes, pelo registo criativo das suas respostas (particularmente interessante sob este aspeto).

→ **Idade média:** 14,1 anos (a 15 de setembro).

[13 anos (23,5%); 14 anos (52,9%); 15 anos (17,6%); 17 anos (5,9%)]

→ **Dimensão da turma:** 17 estudantes.

→ **Género:** raparigas (29,4%); rapazes (70,6%).

→ **Estudantes com necessidades educativas específicas:** 11,8%.

- Estudantes sem retenções no ano curricular em causa (9º): 88,2%.
- Estudantes sem retenções: 64,7%.
- Estudantes com uma retenção: 35,3%.
- Ano de escolaridade das retenções: 2º ano (11,8%); 4º ano (5,9%); 6º ano (5,9%); 9º ano (11,8%).
- Número de avaliações negativas no ano anterior: 0 (82,4%); 1 (11,8%); 3 (5,9%).
- Tipologia das avaliações negativas do ano anterior: Físico-Química (40%); Francês (40%); Matemática (20%).
- Percentagem de estudantes possuidores de computador: 29,4%.
- Percentagem de estudantes com disponibilidade de internet: 35,3%.
- **Beneficiários da Ação Social Escolar (ASE):** 35,3% (somatório de 23,5% de beneficiários do escalão A e 11,8% de beneficiários do escalão B).
- **Nacionalidade:** Portugal [88,2%]; Brasil [5,9%]; Angola [5,9%].
- **Formação académica dos encarregados de educação:** secundário [41,2%]; formação desconhecida [17,7%]; básico (3º ciclo) [11,8%]; básico (2º ciclo) [11,8%]; licenciatura [11,8%]; básico (1º ciclo) [5,9%].
- **Situação Profissional dos encarregados de educação:** trabalhadores por conta de outrem [41,2%]; situação desconhecida [35,3%]; desempregados [17,6%]; domésticos [5,9%].

TURMA DO 9º Y

Turma muito interessada e participativa, mas algo heterogénea; compreendendo alguns alunos de alto rendimento e outros de prestação mais modesta (que ainda assim cumprem os mínimos exigíveis).

→ **Idade média:** 14,2 anos (a 15 de setembro).

[13 anos (15,0%); 14 anos (60,0%); 15 anos (20,0%); 16 anos (5,0%)]

→ **Dimensão da turma:** 20 estudantes.

→ **Género:** raparigas (35%); rapazes (65%).

→ **Estudantes com necessidades educativas específicas:** 10%.

→ Estudantes sem retenções no ano curricular em causa (9º): 100%.

→ Estudantes sem retenções: 90,0%.

→ Estudantes com uma retenção: 10,0%.

→ Ano de escolaridade das retenções: 2º ano (5,0%); 8º ano (5,0%).

→ Número de avaliações negativas no ano anterior: 0 (61,1%); 1 (38,9%); 3 (5,6%); 4 (5,6%).

→ Tipologia das avaliações negativas do ano anterior: Matemática (35,7%); Físico-Química (21,4%); Educação Física (14,3%); Francês (14,3%); Geografia (7,1%); Ciências Naturais (7,1%).

→ Percentagem de estudantes possuidores de computador: 35,0%.

→ Percentagem de estudantes com disponibilidade de internet: 50,0%.

→ **Beneficiários da Ação Social Escolar (ASE):** 25,0% (somatório de 20,0% de beneficiários do escalão A e 5,0% de beneficiários do escalão B).

→ **Nacionalidade:** Portugal [85%]; Brasil [5%]; Cabo Verde [5%]; Marrocos [5%].

→ **Formação académica dos encarregados de educação:** formação desconhecida [35,0%]; secundário [35,0%]; básico (2º ciclo) [20,0%]; básico (3º ciclo) [5,0%]; básico (1º ciclo) [5,0%].

→ **Situação Profissional dos encarregados de educação:** trabalhadores por conta de outrem [50,0%]; situação desconhecida [35,0%]; desempregados [10,0%]; domésticos [5,0%].

TURMA DO 11º Z

Turma com um bom nível comportamental, mas que, salvo algumas exceções muito contadas e pontuais, prima pela apatia e por um evidente desinteresse. Descontados os apontados casos singulares, o nível de conhecimento não é propriamente brilhante e carece de uma eficaz potenciação.

→ **Idade média:** 16,2 anos (a 15 de setembro).

[15 anos (18,2%); 16 anos (54,5); 17 anos (18,2%); 18 anos (9,1%)]

→ **Dimensão da turma:** 11 estudantes.

→ **Género:** raparigas (72,7%); rapazes (27,3%).

→ **Estudantes com necessidades educativas específicas:** 9,1%.

→ Estudantes sem retenções no ano curricular em causa (11º): 100%.

→ Estudantes sem retenções: 63,6%.

→ Estudantes com uma retenção: 36,4%.

→ Ano de escolaridade das retenções: 6º ano (9,1%); 10º ano (27,3%).

→ Percentagem de estudantes possuidores de computador: 27,3%.

→ Percentagem de estudantes com disponibilidade de internet: 27,3%.

→ **Beneficiários da Ação Social Escolar (ASE):** 36,4% (somatório de 27,3% de beneficiários do escalão B e 9,1% de beneficiários do escalão C).

→ **Nacionalidade:** Portugal [100%].

→ **Formação académica dos encarregados de educação:** básico (3º ciclo) [36,4%]; formação desconhecida [27,3%]; secundário [18,2%]; básico (2º ciclo) [9,1%]; bacharelato [9,1%].

→ **Situação Profissional dos encarregados de educação:** situação desconhecida [27,3%]; desempregados [18,2%]; trabalhadores por conta de outrem [18,2%];

reformados [9,1%]; outros [9,1%]; estudantes [9,1%]; trabalhadores por conta própria [9,1%].

2. Sistematização e Taxonomia de Alguns Recursos Expressivos Prototípicos – Noções Elementares

A inventariação e classificação dos recursos expressivos tem-se revelado particularmente problemática. Antes das teorizações de Tzvetan Todorov (1939-2017) e do Grupo μ da Universidade de Liège (que vem laborando desde 1967 até aos nossos dias), era usual subdividir os recursos expressivos à luz das teses do retórico e pedagogo latino Fábio Quintiliano (35-95) – considerado o grande crítico literário da época clássica. Dada a extensão e profundidade da sua elaboração teórica – plasmada no magistral *Institutio Oratoria* (datado de 92 d.c.) – limitamo-nos a exprimir, em termos necessariamente sinópticos, a catalogação básica ideada pelo erudito latino, em matéria de recursos expressivos. Teremos, assim:

A) **Tropos** – entendidos como transferências de palavras, ou expressões, do «lugar» de onde são próprias, para outro onde o não são (não por acaso, a palavra tropo, de origem grega, significa conversão). Aqui se incluindo, nomeadamente, «a mudança de uma palavra, ou de uma oração, da sua significação própria (do seu significado primitivo – parêntesis nosso), para outra, com virtude».

Nesta última vertente, ou aceção, designar-se-á por tropo: um artifício ou expediente retórico que releva da significação ou significado; isto é, que remete para o significado de uma palavra, ou oração, e para a possibilidade de o modificar. Ainda, neste sentido, merece referência uma conhecida asserção de Du Marsais (1730/1977: 8) – segundo a qual os tropos seriam artifícios através dos quais uma palavra adquire uma significação que não é propriamente o significado dessa palavra.

Em termos genéricos, pode afirmar-se que os tropos são formas retóricas que especulam com o sentido e a função das palavras.

Exemplos de tropos: metáfora; sinédoque; metonímia; antonomásia; alegoria; ironia; perífrase; hipérbato; anástrofe; hipérbole.

B) **Figuras** – **conceituadas como formas de enunciar que se apartam do modo ordinário de escrever ou de dizer (e que primeiro se nos oferece) e se particularizam pelo facto de ao contrário dos tropos (em que se «põem umas palavras no lugar de outras» ou em que há troca da ordem das palavras): não comportarem a substituição de uma palavra, ou de uma expressão, por outra, nem troca da ordem das mesmas.**

As figuras subdividem-se em figuras do pensamento e figuras de palavras.

B1) **Figuras do pensamento** – **são as formas retóricas que, ordenadas em obediência à expressão de um certo e determinado pensamento, mobilizam a totalidade da frase com vista à transmissão da ideia ou imagem desejada.**

Exemplos de figuras do pensamento: interrogação; exclamação; prosopopeia (personificação ou animismo); apóstrofe.

B2) **Figuras de palavras** – **são as formas retóricas especialmente vinculadas à palavra – ou por corporizarem uma repetição da palavra ou expressão (v.g.: anáfora); ou por jogarem com uma paleta de palavras que exprime diferentes intensidades de um mesmo conceito (gradação); ou por elencarem uma série de palavras perspectivada sob certo nexos (enumeração); ou por pressuporem uma omissão da palavra (v.g.: elipse); ou por convocarem o nível fónico das palavras (v.g.: aliteração); ou, ainda, por evocarem a antinomia ou o contraste entre palavras (v.g.: antítese).**

Exemplos de figuras de palavras: reduplicação (ou epizeuxe); diácope; anáfora; epanalepse; anadiplose; polissíndeto; gradação; enumeração; assíndeto; elipse; zeugma; aliteração; paronomásia; antítese; oxímoro.

A taxonomia estilística de Quintiliano – já ela uma conciliação das pretéritas sistematizações de Aristóteles (*Poética*, datada de 335 a.c. a 323 a.c.) e de Cícero (*Rhetorica ad Herennium*, datada presumivelmente de 90 a.c.) – padece de evidentes defeitos. Por exemplo, o recurso expressivo sinédoque é simultaneamente classificado como tropo (na medida em que pressupõe a substituição de uma palavra por outra de significado estrito ou primitivo distinto) e como figura de palavras (posto que no caso de substituírem o todo pela parte, operam uma diminuição, uma abreviação, em certo sentido uma omissão [uma omissão de determinada palavra, preterida por outra]).

Apesar de a linguística contemporânea não aceitar a taxonomia estilística de Quintiliano nem as diversas outras que, ao longo dos séculos, se lhe sucederam (nomeadamente, a de Du Marsais [1730] ou a de Fontanier [1818]) – facto é que ainda não existe uma taxonomia estilística plenamente satisfatória (ou isenta de polémica).

Ainda assim, merece uma superficialíssima referência a taxonomia estilística do já apontado Grupo μ da Universidade de Liège, que estatuiu 4 grupos de figuras de estilo (aí se incluindo, por exemplo, meras figuras de dicção, como é o caso da aférese e figuras similares – correntemente categorizadas como processos fonológicos – e cuja relevância estilística é francamente questionável):

Metaplasmas – figuras que convocam o aspeto sonoro ou gráfico das palavras: aférese; síncope; apócope; arcaísmos fonéticos e gráficos; paronomásia; trocadilho, etc.

Metataxes (ou figuras de construção) – figuras que interatuam com a estrutura frásica do discurso, ocasionando uma alteração da colocação normal das palavras numa frase; seja por inversão (hipérbato; anástrofe; quiasmo), por acréscimo (perífrase; pleonismo; polissíndeto), por substituição (antonomásia) ou por supressão (elipse; zeugma; anacoluto; assíndeto).

Metassememas (tropos ou figuras de palavras) – figuras que modulam as características sémicas do discurso: comparação; metáfora; antífrase; oximoro; metonímia; sinédoque, etc.

Metalogismos (ou figuras de pensamento) – **figuras que modificam o valor lógico da frase, em estreita subordinação à pretensão do orador, e que, para esse efeito, se centram menos na palavra e mais na ideia global implícita nas palavras ou na sua disposição:** alegoria; antítese; hipérbole; eufemismo; pleonasmo; ironia, etc.

A simples comparação entre uma taxonomia de recursos expressivos clássica, como a de Quintiliano, e uma taxonomia de recursos expressivos contemporânea, como a do Grupo μ da Universidade de Liège (ambas aqui – a título meramente instrumental – telegraficamente referenciadas), já nos dá a perceber a inevitável existência de alguma margem de arbitrariedade no que à sistematização de conceitos tão complexos, quanto as figuras de estilo, concerne.

Neste pressuposto, não adotamos aqui nenhuma das taxonomias estilísticas convencionais. Face aos rigorosos condicionalismos impostos a um trabalho académico desta natureza, cingimo-nos à distribuição de algumas das figuras de estilo mais prototípicas – que detidamente analisaremos – por três grupos tendencialmente consensuais (cuja simplicidade teórica não se prestará a grandes objeções): (1) figuras de estilo de nível fonético; (2) figuras de estilo de nível morfossintático; e (3) figuras de estilo de nível semântico.

Figuras de estilo de nível fonético – Aliteração, assonância, paronomásia.

Figuras de estilo de nível morfossintático – Anáfora (modalidade de repetição), anacoluto, anástrofe, assíndeto, elipse, enumeração, epanadiplose (modalidade de repetição), epanalepse (modalidade de repetição), epífora (modalidade de repetição), hipérbato, paralelismo, polissíndeto, quiasmo.

Figuras de nível semântico – Alegoria, antítese, antonomásia, comparação, hipálage, hipérbole, ironia, metáfora, metonímia, personificação, sinédoque, sinestesia.

2. 1. FIGURAS DE ESTILO DE NÍVEL FONÉTICO

2.1.1. Aliteração

A aliteração (do latim *alliteratio*) é uma figura linguística que consiste na repetição de um som ou de uma série de sons consonânticos acusticamente iguais ou semelhantes (geralmente no início da palavra, mas não necessariamente). É mais comum na poesia – intensificando, o ritmo e a expressão significativa, mas sobretudo a musicalidade.

Exemplos:

**Vozes veladas, veludasas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.**

(Cruz e Sousa, *Faróis*, 1900)

**Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem triste:
sou poeta.**

(Cecília Meireles, *Viagem*, 1939)

Cajadas de cego levam couro e cabelo.

(ditado popular)

Cavalo comprado, comprado cuidado.

(ditado popular)

2.1.2. Assonância

A assonância (do verbo latim *assonare* [produzir som semelhante]) é uma figura linguística que consiste na repetição dos mesmos sons vocálicos, com o intuito de conferir maior expressividade à ideia ou sentimento que se procura transmitir – através da produção de uma certa musicalidade.

Exemplos:

Eis que chega à beira da cascata clara

Cuja água canta sonora, sem tara.

Ei-la que se assenta, cheia de torpor,

Entre as suas aias postas em redor.

Eis que diz a uma: *Meus chapins descalçamos,*

Unge meus pés brancos com cheirosos bálsamos.

E diz à segunda: *Vai, corre à cascata,*

Enche de água viva meu copo de prata.

E diz à terceira: *Dá-me, ó minha aia,*

O meu alvo lenço, leve, de cambraia.

(Eugénio de Castro, *Horas*, 1891)

(...) vou buscar ao ópio que consola

Um Oriente ao oriente do Oriente.

(Fernando Pessoa [heterónimo Álvaro de Campos], 1915)

Palácio caiado, fidalgo casado.

(ditado popular)

O pagar e o morrer, o mais tarde que puder ser.

(ditado popular)

2.1.3. Paronomásia

Paronomásia (do grego *para* [ao lado de] e *onoma* [nome]) é a figura linguística em que se empregam palavras quase homónimas – ou seja, palavras de som quase idêntico mas de significado distinto.

Neste mesmo sentido, postula Michèle Aquien (1993, p. 205-206) que: «a paronomásia é uma figura que consiste em aproximar palavras de sonoridades análogas com sentidos diferentes». Segundo a definição mais elaborada de Heinrich Lausberg (1960/1966-7-8: § 637): «A paronomásia é um jogo (pseudo-) etimológico com a insignificância da modificação fonética, por um lado, e, por outro, com a interessante tensão significativa originada da modificação fonética. Esta tensão significativa pode intensificar-se até ao paradoxo. A etimologia, assim estabelecida, entre as duas palavras, propõe-na o autor ao público, como elucubração própria».

Exemplos:

A vibração do copo. A viração do copo. A vidração do copo. A vinhação do copo.

(Murilo Mendes, *Poliedro*, 1972)

A luva, ser volúvel, solúvel. Chove na luva. Neva na luva. Descalçar o sapato-da-mão: a luva. As luvas de Luísa. As luvas da lua. As loas da luva. A luva lava a mão. Uma luva lava a outra. Uma mulher lava a outra. A mentira deslavada, com luva. A verdade lavada, inconsútil. O homem é um ser lavável, levável, louvável, luvável.

(Murilo Mendes, *Poliedro*, 1972)

Casa onde caibas, terras que não saibas.

(ditado popular)

A quem casa, a bolsa lhe fica rasa.

(ditado popular)

2.2. FIGURAS DE ESTILO DE NÍVEL MORFOSSINTÁTICO

2.2.1. Anáfora

(modalidade de repetição)

Anáfora é a figura que consiste em iniciar diferentes versos, expressões, ou frases, sempre com a mesma palavra ou expressão. Trata-se, pois, de uma constante repetição inicial de um certo termo ou segmento verbal – seguindo o esquema: /x.../x...

A anáfora intensifica a mensagem que se quer transmitir – chamando a atenção, para a mesma, por via da insistência ou veemência que lhe é implícita.

É justamente célebre uma anáfora da *Divina Commedia*, de Dante (Inf. 3, 1): «Per me si va ne la città dolente,/ per me si va ne l' eterno dolore,/ per me si va tra la perduta gente.», que Vasco Graça Moura traduziu: «Por mim vai-se à cidade que é dolente,/ por mim se vai até à eterna dor,/ por mim se vai entre a perdida gente.».

Exemplos:

Vê qual sou, vê qual és, vê que diferença!

Eu descoro, eu praguejo, eu ardo, eu gemo,

Eu choro, eu desespero, eu clamo, eu tremo,

Em sombras a razão se me condensa.

(Bocage, *Rimas*, 1791 [edição de 1813])

Se você gritasse,

se você gemesse,

se você tocasse,

a valsa vienense,

se você dormisse,

se você cansasse,

se você morresse...

**Mas você não morre,
você é duro, José!**

(Carlos Drummond de Andrade, *José*, 1942)

Em Sevilha o fizeste, em Sevilha o pagaste.

(ditado popular)

2.2.2. Anacoluto

Anacoluto é uma figura de sintaxe que envolve uma mudança inesperada da sequência de raciocínio – pressupondo que um raciocínio inicial fique momentaneamente incompleto e suspenso, e só posteriormente seja retomado.

Exemplos:

**Este povo, que é meu, por quem derramo
As lágrimas que em vão caídas vejo,
Que assaz de mal lhe quero pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo,
Por ele a ti rogando, choro e bramo (...).**

(Camões, *Os Lusíadas* [canto II, 40ª estância], 1572)

Na história de Frei Luís de Sousa, como a tradição a legou à poesia, e desprezados para este efeito os embargos da crítica moderna – a qual, ainda assim, tão-somente alegou mas não provou – nessa história, digo, há toda a simplicidade de uma fábula trágica antiga.

(Almeida Garrett, *Memória ao Conservatório Real de Lisboa*, 1843)

2.2.3. Anástrofe

Anástrofe é uma figura sintática que opera uma inversão da ordem natural das palavras na frase. Ou seja: uma inversão da ordem direta das palavras. A natureza de tal inversão é – todavia – menos violenta do que a constatável no hipérbato (*infra* referenciado): já que não é desfeita a dependência entre palavras correlativas.

Exemplos:

Tomai as rédeas vós do Reino vosso (...).

(Obs. – Sublinhamos, neste excerto d' *Os Lusíadas*, duas anástrofes. Há anástrofe no segmento «Tomai as rédeas vós» [a sequência sintática adotada diverge da sequência mais comum e plausível: «Tomai vós as rédeas»; tal como difere da sequência mais canónica: «Vós tomai as rédeas»]; havendo igualmente anástrofe no segmento «Reino vosso», pois é quebrada a regra sintática de o determinante possessivo anteceder o nome. Para além das duas assinaladas anástrofes, este segmento de notável expressividade inclui ainda: uma aliteração em «r» (rédeas / Reino), uma aliteração em «v» (vós / vosso); e substancia uma apóstrofe (ínsita à interpelação ao rei D. Sebastião) e uma metáfora (a direção ou comando do Reino é transmutada nas rédeas de um cavalo – o que também supõe um animismo).

(Camões, *Os Lusíadas* [canto I, 15ª estância], 1572)

Está definitivamente organizada a oposição em Coimbra.

(Eça de Queirós, *Crónica nº 30 de 21 de abril de 1867 do «Distrito de Évora»* [colaboração jornalística], 1867)

(...) à cabeça do cortejo rumoroso dos anões saltarinos, João Sem Medo atravessou o soute (...)

(José Gomes Ferreira, *Aventuras de João Sem Medo*, 1963)

2.2.4. Assíndeto

Assíndeto é o processo retórico que se substancia na ausência de conectivo. Em boa verdade, é um tipo especial de elipse (que corresponde à omissão de certa palavra ou expressão). A larga maioria dos assíndetos supõe a omissão da conjunção copulativa «e».

Exemplos:

Fere, mata, derriba denodado (...).

(Camões, *Os Lusíadas* [canto III, 67ª estância], 1572)

A política ora se concentra, ora se dissipa. Umas vezes os factos acumulam-se, os resultados complicam-se, as discussões crescem, as crises ameaçam, as convulsões aparecem, os descontentamentos espalham-se, a índole política robustece-se; outras vezes os ânimos esmorecem, as fidelidades afrouxam, as dedicações desvanecem-se, os patriotismos finam-se.

(Eça de Queirós, *Crónica nº 57 de 25 de julho de 1867 do «Distrito de Évora»* [colaboração jornalística], 1867)

(...) tudo aquilo, a tensão, a falta de comida decente, os alojamentos precários, a água que os filtros transformavam numa papa de papel-cavalinho indigesta, o gigantesco, inacreditável absurdo da guerra (...)

(António Lobo Antunes, *Os Cus de Judas*, 1979)

2.2.5. Elipse

O termo elipse deriva do termo latino «ellipsis», que por seu turno provém do grego «elleipsis» – que literalmente significa: «carência».

Neste mesmo sentido, se entende por elipse: um recurso estilístico que consiste na supressão de palavras ou expressões que, de um ponto de vista gramatical e lógico, deveriam estar presentes – mas sem as quais se pode compreender perfeitamente o sentido do enunciado.

Exemplos:

Ele, adorando quem lhe aparecia,

Na Fé todo inflamado *assi* gritava:

– Aos infiéis, Senhor, aos infiéis,

E não a *mi*, que creio o que podeis! –

(Obs. – com o sentido de: «Aos infiéis, Senhor, aos infiéis aparecei»

[apelo de D. Afonso Henriques a Cristo Crucificado, antes de ter lugar a Batalha de Ourique])

(Camões, *Os Lusíadas* [canto III, 45ª estância], 1572)

Contar-lhe-ia que os dois meninos de mama, que ela predisse seriam grandes, eram já deputados e acabavam de tomar assento na Câmara.

(Obs. – no segmento «ela predisse seriam grandes» é suprimida a conjunção integrante «que»; o excerto gramaticalmente «completo» seria: «ela predisse que seriam grandes».)

(Machado de Assis, *Esaú e Jacob*, 1904)

2.2.6. Enumeração

A enumeração (conhecida como *enumeratio* em latim, e *eperismos* em grego) é uma figura retórica que consiste na adição ou apresentação sucessiva de realidades vinculadas entre si – como elementos integrantes de um conjunto ou como uma série

de conjuntos relacionados. A enumeração é operacionalizada através de um assíndeto ou de um polissíndeto.

Exemplos:

O comendador Bento achou-se bem, alegre, bom enxergão de lã de carneiro, a mesa farta, o leitão, o capão, o peru, o chouriço, o lombo de porco de vinho e alhos, o pato, leite puro de cabra, frutas ricas, o belo pêssago de Amarante, morcelas de Guimarães e pastéis da Joanhina, frigideiras de Braga, e o vinho verde de Basto que lhe refrigerava os ardores internos e desopilava o baço.

(Camilo Castelo Branco, *Eusébio Macário*, 1879)

Obriga-se o cronista a manter invariáveis os seguintes adjetivos, quando vierem usados para os seguintes substantivos:

Prelado será sempre virtuoso; cantora será sempre mimosa; jornalista será sempre consciencioso; jovem escritor será sempre esperançoso; patriota será sempre exímio; negociante será sempre honrado; caluniador será sempre infame. As maneiras de quem dá um baile serão sempre amáveis; os convidados sairão sempre penhorados. O folhetinista será sempre espirituoso; o poeta será sempre inspirado. Os irmãos terceiros serão sempre veneráveis. Os sócios de qualquer coisa mercantil serão sempre acreditados. Os meninos recém-nascidos serão sempre robustos. As viúvas serão sempre inconsoláveis.

(Camilo Castelo Branco, *Dispersos III*, 1857-1885)

Em todo o caso os trabalhadores não obedecem como dantes, exigem mais salários, resmungam, protestam, não cumprimentam, voltam a cara (...).

(António Lobo Antunes, *Auto dos Danados*, 1985)

(...) eu nervosíssima a ralhar com as criadas, a pôr defeitos em tudo, a descompor a cozinheira, a descompor a modista, a discutir com o jardineiro por causa de um narciso murcho (...)

(António Lobo Antunes, *O Manual dos Inquisidores*, 1996)

2.2.7. Epanadiplose

(modalidade de repetição)

A epanadiplose (repetição) é uma figura de sintaxe que consiste na repetição da mesma palavra ou expressão no início e no fim de um verso ou frase. Segundo uma definição mais ampla inclui, ainda, casos de repetição da mesma palavra ou expressão no início de um segmento métrico (verso), ou sintático, e no fim do seguinte.

Exemplos:

Do crime que fiz de amar-te

Vem dar-me a absolvição:

Perdão – para os meus carinhos,

Aos meus amores – perdão!

(Laurindo Rabelo [1826-1864], *A Despedida*, s/d)

Todos os astros, inda os que brilham

No céu sem fundo do mundo interno,

São só caminhos que falsos trilham

Eternos passos do erro eterno.

(Obs. – destacámos, com sublinhados, a palavra repetida.)

(Fernando Pessoa, *Fausto*, 1907-1908/1933)

2.2.8. Epanalepse

(modalidade de repetição)

A epanalepse (repetição) é uma figura de sintaxe que consiste na repetição da mesma palavra ou expressão em vários pontos do texto, relativamente próximos.

Exemplos:

**Perante a Morte empalidece e treme,
treme perante a morte, empalidece.**

(Cruz e Sousa, *Últimos Sonetos*, 1905 [póstumo])

**Os meus amores vão-se mar em fora,
E vão-se mar em fora os meus amores.**

(Cruz e Sousa, *O Livro Derradeiro*, 1961 [póstumo])

Era um morto pouco apresentável, cadáver de vagabundo falecido ao azar, sem decência na morte, sem respeito, rindo-se cinicamente, rindo-se dela, com certeza de Leonardo, do resto da família. Cadáver para necrotério, para ir no rabecão da polícia servir depois aos alunos da Faculdade de Medicina nas aulas práticas, ser finalmente enterrado em cova rasa, sem cruz e sem inscrição. Era o cadáver de Quincas Berro d'Água, cachaceiro, debochado e jogador, sem família, sem lar, sem flores e sem rezas.

(Obs. – destacámos, com sublinhados, o termo repetido; note-se que a preposição «sem» surge 2 vezes na 1ª frase, 2 vezes na 2ª frase e 4 vezes na 3ª frase – assim gerando uma epanalepse)

(Jorge Amado, *A Morte e a Morte de Quincas Berro d'Água*, 1959)

**Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.**

(João Cabral de Melo Neto, *A Educação Pela Pedra*, 1966)

2.2.9. Epífora

(modalidade de repetição)

A epífora (repetição) é uma figura de sintaxe que consiste na repetição da mesma palavra ou expressão no *terminus*, ou final, de versos ou frases sucessivas.

Exemplos:

As ondas de Isabel. As rondas de Isabel. As ancas de Isabel. Os incas de Isabel. Os fogos de Isabel. Os figos de Isabel. As latas de Isabel. As lutas de Isabel. Os doces de Isabel. Os disses de Isabel. As facas de Isabel. As focas de Isabel. Os cravos de Isabel. Os crivos de Isabel. Os dados de Isabel. Os doidos de Isabel. As fúrias de Isabel. As férias de Isabel. As farsas de Isabel. A força de Isabel. Os mantos de Isabel. Os montes de Isabel. O garfo de Isabel. O grifo de Isabel. O rosto de Isabel. Os rastos de Isabel. O reino de Isabel. Os restos de Isabel.

(Murilo Mendes, *Convergência*, 1963-1966)

**As redondezas do vinho. As asperezas do vinho.
As veleidades do vinho. As veludezas do vinho.
As calorias do vinho. Os labirintos do vinho.
As branquidades do vinho. As verdolências do vinho.
As rosaledas do vinho. As inverdades do vinho.
As bordalesas do vinho. As borgonhesas do vinho.
As fluidezas do vinho. As espessuras do vinho.
Os jaguardentes do vinho. As águas duras do vinho.
As floribelas do vinho. As florisfeias do vinho.**

Os operários do vinho. As excelências do vinho.

As sonolências do vinho. Os maremotos do vinho.

(Murilo Mendes, *Convergência*, 1963-1966)

2.2.10. Hipérbato

Hipérbato é uma figura de estilo, de natureza sintática, que supõe uma alteração violenta da ordem normal dos elementos de uma frase – criando intercalações – por separação do substantivo e do adjetivo; por colocação do sujeito ou do verbo no fim da oração; por alteração do lugar habitual de complementos regidos por preposição, etc.

Uma característica específica do hipérbato é a separação de duas palavras que, por força da sintaxe, deveriam ser contíguas – distorcendo, por esse modo, a lógica gramatical.

Exemplos:

Do habitador da cela amigo e mestre

Las Casas fora (...).

(Obs. – Bartolomé de Las Casas – notável teólogo e cronista dominicano espanhol [1484-1566])

(Almeida Garrett, *Camões*, 1825)

Só em meu coração suspiros tenho (...).

(Gonçalves de Magalhães, *Suspiros Poéticos e Saudades*, 1836)

Mas Tasso ousou amar de um duque a filha!

(Gonçalves de Magalhães, *Suspiros Poéticos e Saudades*, 1836)

Regados por lágrimas de escravos tinham sido esses campos (...).

(Alexandre Herculano, *A Morte do Lيدador* [in *Lendas e Narrativas*], 1851)

Ninguém por mim o peito bater sente.

(Gomes Leal, *Claridades do Sul*, 1875)

**Tem um leque de plumas gloriosas,
na sua mão macia e cintilante,
de anéis de pedras finas preciosas
a Senhora Duquesa de Brabante.**

(Gomes Leal, *Claridades do Sul*, 1875)

2.2.11. Paralelismo

O paralelismo é o recurso expressivo que consiste na repetição da estrutura da frase. Mais precisamente, é um procedimento estilístico caracterizado pela recorrência simétrica de palavras, estruturas sintáticas e rítmicas, ou conteúdos conceptuais ao longo do texto. Pode encerrar uma dimensão particularmente sentenciosa e propicia-se – em especial – à memorização.

Exemplos:

A mulher do fim do mundo

Dá de comer às roseiras,

Dá de beber às estátuas,

Dá de sonhar aos poetas.

(Obs.: a estrutura dos 2º, 3º e 4º versos é: «dá» + «de» + «verbo» + «contração da preposição “a” com determinante» + «substantivo».)

(Murilo Mendes, *O Visionário*, 1941)

2.2.12. Polissíndeto

O termo grego «poly-sindeton» significa literalmente: muito atado, ou com muitos nós. Por conotação, designa-se por polissíndeto: uma figura literária caracterizada pela recorrência de nexos coordenantes, que unem palavras, sintagmas ou proposições ao longo de um texto.

O nexos coordenante é usualmente a conjunção copulativa «e», mas também poderá ser a copulativa «nem» ou outro género de conjunções coordenativas, como será o caso da conjunção disjuntiva «ou».

O escudeiro andou a pressa e deu -lhe o recado e tornou -se pera o Mestre onde vinha. E el tragia hũa cota vestida e até vinte consigo com cotas e braçaes e espadas cintas come homens caminheiros, e chegou ao paço a hora de terça ou pouco mais, sem deter porém em outra parte.

(Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, 1450)

**E quando o Sol mais luzia,
e seus raios apurava,
e a Lua aparecia
mais clara que o meio dia;
e quando Vénus cantava,
e quando Mercúrio estava
mais pronto em dar sapiência;
e quando o céu se alegrava,
e o mar mais manso estava,
e os ventos em clemência (...).
E quando os sinos estavam
com mais glória e alegria,
e os polos s' enfeitavam,
e as nuvens se tiravam**

e a luz resplandecia;
e quando a alegria vera
foi em todas naturezas:
nesse dia, mês e era,
quando tudo isso era,
nasceram Vossas Altezas.

(Gil Vicente, *Exortação da Guerra*, 1513)

Inútil definir este animal aflito.

Nem palavras,

nem cinzéis,

nem acordes,

nem pincéis

são gargantas deste grito. (...)

(António Gedeão, *Movimento Perpétuo*, 1956)

(...) portas por abrir

e escadas e ponteiros e crianças sentadas

à espera do seu tempo e do seu precipício (...)

(Mário Cesariny, *Pena Capital*, 1957)

2.13. Quiasmo

Designa-se por quiasmo a figura retórica em que se observa uma ordenação cruzada (ou estrutura cruzada) dos elementos constituintes de duas unidades sintáticas consecutivas que apresentam o mesmo tipo de elementos – invertendo-se na segunda unidade sintática a ordem da primeira.

Em termos práticos, se na 1ª unidade sintática: os elementos constituintes se apresentam numa sequência X,Y, na 2ª unidade sintática: os elementos constituintes da mesma tipologia dispõem-se na sequência inversa Y,X.

Em boa verdade, note-se: esta inversão cruzada pode afetar todo o conjunto de um sintagma, de uma proposição ou oração, ou apenas um dos seus membros.

É o quiasmo uma figura expressiva particularmente adequada a um estilo sentencioso; razão pela qual é um recurso estilístico frequente num literato como Saramago. Em Aquilino – muito provavelmente o mais dotado dos estilistas da língua portuguesa – a figura é esporádica.

Exemplos:

Os Discípulos faziam a circunferência, Cristo estava no centro, e as linhas do amor, e do favor corriam com a mesma proporção, com a mesma medida, e com a mesma igualdade tanto para cada um, como para todos, e tanto para todos, como para cada um.

(Obs. – destacámos, com sublinhado, o segmento quiasmático.)

(Padre António Vieira, *Sermão da Segunda Oitava da Páscoa*, entre 1670-1675)

Metade do tempo luta consigo, com as sombras, com o mouro, com o destino, com Deus. A outra metade resolve o passado e delira com o que fez e não devia ter feito, com o que devia ter feito e não fez.

(Obs. – destacámos, com sublinhado, a frase quiasmática. A primeira frase é uma enumeração anafórica, paralelística e assindética.)

(Aquilino Ribeiro, *Aventura Maravilhosa, de D. Sebastião Rei de Portugal depois da Batalha com o Miramolim*, 1936)

Enfim, pior que a vergonha de esperar o francês e ver chegar o bacalhau, seria contar com o bacalhau e entrar o francês.

(José Saramago, *Memorial do Convento*, 1982)

Não dormiu ele, ela não dormiu.

(José Saramago, *Memorial do Convento*, 1982)

Na guerra de João perdeu a mão Baltasar, na guerra da Inquisição perdeu Blimunda a mãe (...).

(José Saramago, *Memorial do Convento*, 1982)

(...) também há modos diferentes de pagar e cobrar o imposto, com o dinheiro do sangue e o sangue do dinheiro (...).

(José Saramago, *Memorial do Convento*, 1982)

(...) o céu é o resplendor que há dentro da cabeça dos homens, se não é a cabeça dos homens o próprio e único céu (...).

(José Saramago, *Memorial do Convento*, 1982)

2.3. FIGURAS DE ESTILO DE NÍVEL SEMÂNTICO

2.3.1. Alegoria

Alegoria é a expressão de uma ideia abstrata através da sua materialização. Corresponde – por outras palavras – à representação figurativa de um conceito ou abstração. *Verbi gratia*: a paz representada por uma pomba ou a justiça representada por uma mulher com uma balança nas mãos.

Neste exato sentido, constitui-se a alegoria como um expediente retórico particularmente apto a superar a cisão entre o inteligível e o sensível.

Pode apresentar-se como um encadeamento de imagens (representações simbólicas), metáforas ou comparações que expressam uma ideia.

Exemplos:

Encontrámos a seguinte espirituosa lição geográfica no *Jornal de Lisboa*, e tão engraçada a achamos que a publicamos para largo recreio dos que nos leem.

Quando um homem ama uma mulher, e não acha meio de corresponder-se com ela, o homem é uma *ilha*.

Se encontra um primo que o aproxima da ninfa, então forma uma *península*, e o tal primo, que é a porção de terra que o liga ao continente, é o *istmo*.

Se a menina tem uma amiga, que, reconhecendo a nossa paixão, a incite a que nos corresponda, nos sorria e nos afague, essa amiga, metendo-se pelo mar das nossas ilusões, é um *cabo*.

Se, em vez de amiga é uma tia, ou qualquer parente, pessoa elevada, então é um *promontório*.

Se alcançamos o consentimento da mamã, que nos defende dos furacões do papá, tal mamã é um *porto*.

Se, porém, nos não defende, mas se mostra indiferente a que lhe cortejemos a filha, é simplesmente uma *bacia*.

Todas as paragens em que podemos falar à donzela, regra geral ao abrigo de todo o compromisso com os papás, chamam-se *ancoradócios* ou *enseadas*.

Quando nos correspondemos por intervenção da criada, é esta um *estreito* que une os dois mares.

Se a criada não é muito escrupulosa, pode considerar-se *canal*.

Se é difícil conquistá-la, tem de chamar-se um *baixio*.

Constituem a *barra* todos os obstáculos que se nos opõem até chegar à jovem.

Os conhecidos de ambos que auxiliam os nossos planos, são as correntes que entram para o mar, são os *rios*.

Quando os amantes confiam reciprocamente os seus segredos, há *confluência*.

Finalmente, o casar é morrer *afogado*. Se a noiva tem até 18 anos, morre-se caindo num *lago*. Dos 18 aos 25, é *poço*; a morte é mais aflitiva. Daí em diante é *pântano*.

(Eça de Queirós, *Crónica nº 42 de 2 de junho de 1867 do «Distrito de Évora»* [colaboração jornalística], 1867)

– O que é a dor? – Um mar. – E a alegria?

– Pérola oculta nesse mar fremente.

Quantas vezes a pérola encantada,
Entre as rochas profundas sepultada,
Se dissolve, esquecida, lentamente,
E nunca chega a ver a luz do dia!

(Antero de Quental, *Raios de Extinta Luz*, 1892 [obra póstuma])

Deixou a janela, onde o frio, a chuva e a escuridão carregavam como um exército,
vinham impetuosamente esmagar-se, num último assalto, de encontro a uma
invencível fortaleza de luz e calor.

(Florbela Espanca, *O Sobrenatural* [in *Máscaras do Destino*], 1931 [póstumo])

«O que aconteceria se o ARCEBISPO DE BEJA fosse ao PORTO e dissesse que era
NAPOLEÃO

Toda a gente acreditava que era. O presidente da Câmara nomeava-o
Comendador. Iam buscar a coluna de Nelson, tiravam o Nelson e punham o
Arcebispo lá em cima. E davam-lhe vinho do Porto.

Então o Arcebispo de Beja dizia:

- Sou a Josefa de Óbidos.

Ainda acreditavam que era, embora menos. O presidente da Câmara apertava-lhe
a mão. Iam buscar o Castelo de Óbidos, tiravam os óbidos e punham o arcebispo na
Torre de Menagem. Além disso davam-lhe trouxas d'ovos.

Nessa altura, convicto, o arcebispo de Beja afirmava:

- Sou o arcebispo de Beja.

Não acreditavam. Davam-lhe imediatamente uma carga de porrada. E punham-no no olho da rua. Nu.»

(Mário-Henrique Leiria, *Novos Contos do Gin*, 1974)

2.3.2. Antítese

A antítese é uma figura de estilo, de nível semântico, caracterizada pelo emprego de palavras, expressões ou frases de sentido oposto – sem que sejam logicamente incompatíveis. Estruturalmente, é a expressão de um contraste através de uma construção bipolar.

Exemplos:

Oh!, que amor, que felicidade... que desgraça a minha!

(Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*, 1844)

Quem quer pouco, tem tudo (...).

(Fernando Pessoa [heterónimo Ricardo Reis], 1930)

E uma sombra escura velou-lhe o rosto branco.

(Teixeira de Pascoaes, *O Empecido*, 1950)

Porque sendo Curió um incurável romântico, noivava frequentemente, vítima de paixões fulminantes. Cada noivado era devidamente comemorado, com alegria ao iniciar-se, com tristeza e filosofia ao encerrar-se, pouco tempo depois.

(Jorge Amado, *A Morte e a Morte de Quincas Berro d' Água*, 1959)

Um Príncipe Perfeito em Portugal,

Terra da imperfeição!

(Miguel Torga, *Poemas Ibéricos*, 1952-1965)

A antítese é um processo estilístico particularmente comum entre grandes escritores; podendo sistematizar-se dois grandes géneros de antítese:

1º A antítese não enumerativa;

2º A antítese enumerativa.

1º A antítese não enumerativa

Corresponde a um desenvolvimento antitético contínuo por oposição de palavras:

«A morte é o fim da vida que acaba; a ressurreição é o princípio da vida que não há de acabar: com a morte acaba-se a vida, com a ressurreição começa a eternidade; e muito mais para temer é o princípio da eternidade que o fim da vida.»

(Padre António Vieira, *Sermão da Ressurreição de Cristo*, 1658)

2º A antítese enumerativa

Consiste num cotejo de duas entidades, ideias ou situações – através de um arrolamento paralelístico dos seus pontos de divergência. Ou numa simples sequência de binómios internamente divergentes.

À parte sua altíssima qualidade poética e seu profundo sentido metafórico – tudo separa Lope de Vega e Calderón de la Barca. Lope é o dramaturgo da improvisação desordenada e da invenção espontânea; Calderón: o mais meditativo e reflexivo dos autores. O teatro de Lope é de cunho popular e nacional; o de Calderón – culto, aristocrático, cosmopolita. Lope escreve para o povo simples; Calderón para a corte. As personagens de Lope são pragmáticas; as de Calderón: idealistas.

(escrito próprio, 2023)

Erguendo os olhos para os discípulos, pôs-se a dizer:

Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus.

Bem-aventurados vós, os que agora tendes fome, porque sereis saciados.

Bem-aventurados vós, os que agora chorais, porque haveis de rir.

(Lc. 6, 20-21)

2.3.3. Antonomásia

Antonomásia é o recurso expressivo que consiste na utilização de um nome ou de uma expressão, em vez do nome próprio – na prática, o acessório é tomado pelo nome próprio.

Exemplos:

O manco de Lepanto [tomado pelo escritor espanhol Miguel de Cervantes (parêntesis retos nossos)].

O Dante negro [tomado pelo poeta brasileiro Cruz e Sousa (parêntesis retos nossos)].

O poeta filósofo [tomado por Sá de Miranda (parêntesis retos nossos)].

O poeta da saudade [tomado por Bernardim Ribeiro (parêntesis retos nossos)].

2.3.4. Comparação

A comparação é a figura retórica que aproxima dois conceitos através da conjunção «como», de verbos a ela equivalentes (parecer, lembrar, sugerir, assemelhar-se...) ou de expressões como «mais do que» ou «menos do que».

Exemplos:

Então, o luar, batendo nos lanços dos seus muros, dava um reflexo de luz suavíssima, mais rica de saudade que os próprios raios daquele planeta guardador dos segredos de tantas almas, que creem existir nele, e só nele, uma inteligência que as perceba.

(Obs.: sublinhamos no excerto a estrutura comparativa)

(Alexandre Herculano, *O Bispo Negro*, 1839 [republicado em *Lendas e Narrativas*, 1851])

Sorria de quando em quando; e o sorriso, embora aquele rosto não fosse de um ancião, produzia uma impressão singular; parecia um raio de lua no meio de uma velha ruína.

(Obs.: sublinhamos no excerto a estrutura comparativa)

(Machado de Assis, *A Mulher de Preto* [in *Contos Fluminenses*], 1870)

Imagina um relógio que só tivesse pêndulo, sem mostrador, de maneira que não se vissem as horas escritas. O pêndulo iria de um lado para outro, mas nenhum sinal externo mostraria a marcha do tempo. Tal foi aquela semana da Tijuca.

(Machado de Assis, *Dom Casmurro*, 1900)

Grossas nuvens oscilavam mansamente no longínquo horizonte, a modo de grandes caravelões negros, com ameaça de borracheiro.

(Obs.: sublinhamos no excerto a estrutura comparativa)

(Aquilino Ribeiro, *A Casa Grande de Romarigães*, 1957)

A Menina do Mar dançava, batia palmas e ria com gargalhadas claras como a água.

(Sophia de Mello Breyner, *A Menina do Mar*, 1958)

Era uma menina belíssima, com longos cachos duros, Ofélia, com olheiras iguais às da mãe, as mesmas gengivas um pouco roxas, a mesma boca fina de quem se cortou.

(Obs.: sublinhamos no excerto as estruturas comparativas; a expressão final: «boca fina de quem se cortou» é, quando considerada em si mesma: metafórica – identificando o aspeto de uma boca fina com o de um corte acidental)

(Clarice Lispector, *A Legião Estrangeira*, 1964)

Soprava nas mãos como se tivesse frio e toda ela tremia por efeito da risada. Sentia-se bem; um cheiro de cera penetrava o ar; as flores, quase sempre sécias ou zínias, pareciam cabeças despenteadas aos pés dos santos denegridos.

(Agustina Bessa-Luís, *O Mosteiro*, 1980)

Sobre um escadote a que subia penosamente mas a que se agarrava, enroscando-se como uma silva, atingiu o teto e começou a esfregá-lo.

(Lídia Jorge, *O Jardim Sem Limites*, 1995)

2.3.5. Hipálage

Tradicionalmente, a hipálage (termo de origem grega [*hypalage*] que originariamente significa «comutação»): tem sido identificada como a figura semântica que opera a transferência de uma impressão causada por certa entidade ou realidade para outra entidade ou realidade à qual logicamente não pertence.

Pressupõe, na prática: aplicar a uma individualidade ou realidade – uma qualidade ou atividade que corresponde a outra que se encontra próxima dentro do mesmo texto.

É, em suma, a atribuição a uma entidade de uma particularidade que pertence a outra com a qual circunstancialmente (isto é, fruto de uma conexão contextual episódica) se relaciona.

Exemplos:

(...) da porta meio cerrada da aula vinha um sussurro lento de declinações latinas: era uma paz severa, feita da simplicidade das ocupações, da honestidade dos estudos, do ar pastoril daquela colina, onde dormia sob um sol branco de Inverno, o burgo religioso...

(Obs.: destacamos a hipálage com sublinhado)

(Eça de Queirós, *O Mandarin*, 1880)

Um pensativo silêncio envolvia o arvoredo (...).

(Eça de Queirós, *A Ilustre Casa de Ramires*, 1900, p. 326)

... o visconde de Garmilde jantava cedo, à hora vernácula do Portugal antigo ...

(Obs.: destacamos a hipálage com sublinhado)

(Eça de Queirós, *José Matias* [in *Contos*], 1902 [póstumo])

O marido, pacato apontador de Obras Públicas, continuara em Beja, onde também vagamente ensinava um vago desenho...

(Eça de Queirós, *José Matias* [in *Contos*], 1902 [póstumo])

(...) *Espantalho* Felá sabia que a criança o vigiava com olhos pérfidos (...)

(Altino do Tojal, *A Colina dos Espantalhos Sonhadores*, 1975)

2.3.6. Hipérbole

A hipérbole é um «exagero da palavra» que busca enfatizar (por vezes de forma caricatural) a ideia que se quer transmitir. É frequentíssima no linguajar diário – *come como um passarinho; dorme como uma pedra; ficou branco como a cal; magro como um palito; gordo como uma baleia; alto como uma torre; é um pau de virar tripas* (indivíduo muito alto e magro); *carregava um saco de 50 quilos com uma perna às costas; «O arranjo é p’ra quando? É p’ra ontem»*.

Em rigor, pode descrever-se a hipérbole como uma figura retórica que, oferecendo uma visão desproporcionada de uma realidade, a amplifica ou diminui.

Exemplos:

À porta, uma pobre, toda de luto, e o filho contra o seio, estendeu-me a mão transparente.

(Eça de Queirós, *O Mandarin*, 1880)

Nisto, um urro pavoroso arrepelou o ar puro, subiu no azul como uma tromba negra; era o fidalgo com o segundo ataque. Ia agora lá dentro um banzé dos seiscentos demónios (...).

(José Rodrigues Miguéis, *O Morgado de Pedra-Má* [in *Léah e Outras Histórias*], 1958)

(...) ei-lo que avança de cachimbo nos dentes, a largar fumarada e um bafo ebriático que embebeda tudo à sua volta (...).

(Altino do Tojal, *A Colina dos Espantalhos Sonhadores*, 1975)

Nas *vodkas* acontece o mesmo. (...) as boas *Stolichnaya* e *Moskovskaya* vendem-se em Portugal ao preço da chuva – mais baratas até do que os desinfetantes de sanitas que, entre nós, se fazem passar por *vodkas* russas.

(Miguel Esteves Cardoso [transcrição adaptada], *Explicações de Português*, 2001)

Galinha de Celorico, pranta os ovos pelo bico.

(ditado popular)

2.3.7. Ironia

A ironia é a figura retórica por via da qual se procura comunicar uma ideia ou sentimento em tudo contrários ao que aparentemente se afirma. Em grande parte dos casos, a ironia opera pela exagerada ênfase colocada no que formalmente se enuncia –

ou seja, pela sua desmesurada hiperbolização. Levando o interlocutor a reconhecer a inverosimilhança ou incredibilidade do enunciado.

Exemplo:

Propondo-se satirizar uma certa casta de fidalguia pedante e enfatuada, o escritor Tomaz de Figueiredo (1902-1970) cria a exorbitante e desmedida personagem: «Dom Tanas de Barbatanas Racha-Penedos e Arrinca-Pinheiros Merda-Seca e Come-Gente» – hiperbólica caricatura de tal aristocracia. Eis como exagerando os nunca sondados feitos da linhagem de Dom Tanas de Barbatanas – fidalgos que alegadamente teriam privado com os notáveis poetas franceses Villon [o «poeta salteador»] e Malherbe [o arauto da poesia clássica francesa], com a célebre rainha Margarida de Navarra (que escreveu o renomado *Heptameron*, parcialmente inspirado no *Decameron* de Boccaccio) e com o próprio Francisco I, rei de França (protagonista vencido da infausta Batalha de Pavia) – laboriosamente constrói Tomaz de Figueiredo esta expressiva **ironia** que culmina com o enunciar da suprema e invencível dificuldade com que os mais dotados e reputados dos cronistas se deparariam, ao tentar ilustrar a magnificência das «pedras preciosas» («diamantes», leia-se) que ornavam as supostas coroas de glória dos inefáveis Barbatanas:

«Tempo agora já parece de que se trate dos Gargantónias, e esse empreendimento se inicie.

Irmão de Dom Fuas de Barbatanas e Roncalto, havia de em Roma celebrar-se Dom Roque de Barbatanas, donde viria acrescido, e honrosamente, do apelido Gargantónia. Ocorre, porém, antes que a Dom Roque se lembre, com brevidade relembrar alguns nobres Barbatanas, que da Cristandade são acredores, e pela demora não perde, e até lucrará, o famoso Dom Roque.

Temos destarte, olhando o histórico panorama, que foi a unha e a carne com Malherbe Dom Clarimundo de Barbatanas. Que ele, sim, forçou, ameaçando-o, pelo menos com a quebra de amizade, e provavelmente com partir-lhe a cara, a que trocasse aquilo do *Et Rosette a vécut ce qui vivent les roses*, que pouco ia além do charro, no sublime do *Et, Rose, elle a vécut ce qui vivente les roses*, atribuído erroneamente a uma felicíssima gralha tipográfica e que a Malherbe imortalizou.

Também temos que na quadrilha de salteadores de François Villon, *alter ego* e tenente do poeta se orgulhou de ser Dom Quintino de Barbatanas, que além de temeroso pelo terror que incutia, obrigando os quadrilhados a largarem toda a fazenda, um grande poeta ao mesmo passo foi, consoante dele afirmaram sempre os Barbatanas, de quem não é lícito duvidar, de muito achegado assistiu e inspirou a Margarida de Navarra, a mui ousada e de livre pena irmã de Francisco Primeiro, a qual, havendo-o no sentido, escreveu as folhas de mais paladar do seu bocacino *Heptameron*. E que ainda ele, um Barbatanas, foi que na hora de Pavia proferiu o *Tout est perdu, hormis l'honneur*, dito que o ladino Francisco chamou à conta da sua língua, e que para de sua língua ser havido garantiu com o silêncio que Dom Palmito lhe prometeu, sem que a promessa jamais quebrasse, pois ditos como esse, e muito melhores, era só pedirem-lhos por boca.

Chega um cronista a estragar uma crónica, andando de trás para diante e de diante para trás, cego de tantas pedrarias na história de uma família, se escreve de Barbatanas. E a unidade conveniente a cada passo a vê escangalhada, pois a tudo quer acudir e suas forças literárias não limite.»

(Tomaz de Figueiredo, *Dom Tanas de Barbatanas – Crónica Heroica*, 1962-1964)

2.3.8. Metáfora

A metáfora é uma figura retórica que, baseando-se numa similitude por analogia, se substancia na utilização de um vocábulo ou locução para exprimir um conceito diverso daquele que, normalmente, os mesmos significam.

Não se julgue porém que a definição deste recurso estilístico é simples ou pacífica. Disso nos dá conta uma lapidar asserção do linguista e gramático francês Jean Dubois (J. Dubois *et alii*, *Rhétorique Générale*, 1970, p. 92): «a definição de metáfora é, nos dias que correm, tema de congresso, e seria preciso uma obra inteira para fazer a síntese crítica dessas análises» – ainda hoje plenamente válida; por muito que os académicos da área da retórica, ou os investigadores da estilística (tomada como ramo

específico da retórica) se esforcem no sentido de apurar os exatos limites conceptuais da mesma. Isto mesmo se pode inferir de um estudo relativamente recente de Mário Vilela (2005: 34), do qual resulta evidente a fragilidade deste género de fronteiras conceptuais, quando – após árdua teorização – o autor aventa que:

«(...) a metáfora, a metonímia e a sinestesia – distinguem-se pelos respectivos processos mentais nelas envolvidos:

- a sinestesia surge como consequência de operações sensoriais e mentais simultâneas;
- a metonímia caracteriza-se pela contrastividade fraca, dada a proximidade (ou contiguidade) dos (sub)domínios envolvidos;
- a metáfora define-se pela contrastividade forte dos vários domínios implicados».

Por um lado, não há aqui qualquer novidade. Pois já em 1992 Michel Prandi (1992: 233) postulava que: «(...) La métaphore se distingue de la métonymie et de la synecdoque par l'absence de toute connexion positive entre le sujet primaire et le sujet subsidiaire: une expression comme *Notre cher samovar* (Tolstoi), utilisée pour désigner une femme, n'est reçue comme métaphorique que si tout lien actanciel entre la femme et le samovar est coupé, et que les deux entités sont perçues comme appartenant à deux sphères réciproquement étrangères. Si par contre elle se motive par l'activation d'une relation privilégiée – la femme se caractérise par son usage intense du samovar, par exemple –, la désignation est métonymique (leia-se [tradução nossa]: a metáfora distingue-se da metonímia pela ausência de qualquer conexão positiva entre o sujeito primário e o sujeito secundário: uma expressão como “Nosso querido samovar [parêntesis nosso: entenda-se por samovar um pequeno contentor onde se aquece a água para o chá]” [Tolstoi] – usada para designar uma mulher, não é aceite como metafórica senão quando toda e qualquer ligação actancial entre a mulher e o samovar estiver ausente, e as duas entidades sejam percebidas como pertencentes a duas esferas reciprocamente estranhas. Só se, pelo contrário, a expressão se motiva pela ativação de uma relação privilegiada – a mulher caracteriza-se pelo seu uso intenso do samovar, por exemplo –, a designação é metonímica).

Por outro lado – e é este o ponto que mais nos interessa (recordemos, por um momento, a definição de metáfora que inicialmente avançámos; em que frisámos que esta se baseia numa similitude por analogia e, nesse sentido: não numa contiguidade) – o já aqui citado raciocínio de Vilela (2005: 34), na exata medida em que associa a delimitação da metáfora, face a uma figura estilística como a metonímia, ao tópico da força da contrastividade (como constatámos, Vilela mobiliza expressamente conceitos como «contrastividade forte» e «contrastividade fraca»), cai inevitavelmente nos domínios da subjetividade.

Importa, pois, fixar definições que privilegiem um sentido prático ou operacional. Não sendo a definição perfeita, uma das melhores que conhecemos – especialmente sob o ponto de vista pedagógico – é a de Henri Morier (1989: 677), que na 4ª edição revista e aumentada da sua obra monumental, consignou que:

«A metáfora é o procedimento estilístico que confronta – sem recorrer a nenhum signo comparativo explícito – o objeto em questão, o comparado (A), com outro objeto, o comparante (B), seja por aposição (A+B ou B+A), seja por justaposição direta, dita também parataxe (AB ou BA), seja por assimilação de um ao outro (A é B), seja por qualificação do comparado pelo comparante (A de B), seja por atribuição ao comparado da virtude simbólica do comparante (B de A), seja enfim pelo apagamento do comparado, com o comparante a representar a substância imaginada em estado puro e deixando a adivinhar o que ela representa.

As apresentações fundamentais da metáfora são, pois, as seguintes (parêntesis nosso – atente-se na concreta exemplificação ideada por Henri Morier, inspirada na passagem bíblica, do Livro do Génesis: «tu és pó e em pó te hás de tornar» [pulvis es et in pulverem reverteris] – Gén. 3, 19):

A, B: A carne, essa argila, ...

B, A: Essa argila, a carne, ...

AB: A carne – argila

BA: A argila – carne

A de B: Uma carne de argila (ver o verso: «nem o cuidado de um seio de argila perfumada» – Paul Valéry, *La Jeune Parque*, v. 422)

B de A: A argila da carne

B: A argila (ver o verso: «em direção aos meus sentidos luminosos nadava minha loira argila» – Paul Valéry, *La Jeune Parque*, v. 138).»

Cabe sublinhar que a metáfora pode comportar uma acentuada dimensão estética. Em certos casos, faculta a compreensão de um tópico através da compreensão de um tópico análogo. Mas por vezes – especialmente quando se procura obter um efeito puramente estético – a descodificação da mesma poderá encerrar considerável complexidade.

Em todo o caso, a metáfora implica literalmente a transferência do significado de algo para outra coisa.

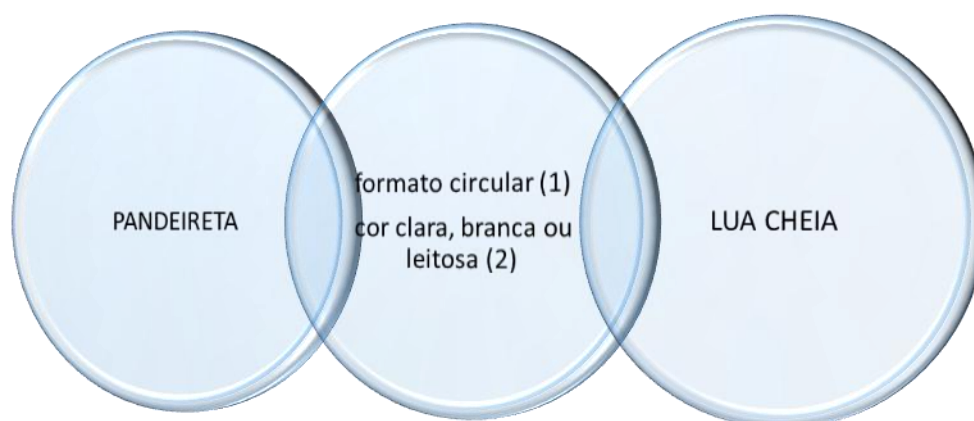
Com recurso a diagramas de Venn, ensaiamos, subsequentemente, uma demonstração gráfica da estrutura conceptual da frase metafórica:

Na frase metafórica seguinte:

1 – Sua lua de pergaminho / Preciosa tocando vem.

(García Lorca, *Romancero Gitano*, 1928)

... por «lua de pergaminho» subentende-se o instrumento de percussão: pandeireta; por pergaminho entenda-se um fragmento de pele de animal usado na confecção de instrumentos de percussão ou, inclusive, em séculos passados (até à Idade Média), como suporte físico do texto escrito – assim sendo, será esta a representação gráfica das características partilhadas entre o termo substituído (pandeireta) e o termo substituinte (lua):

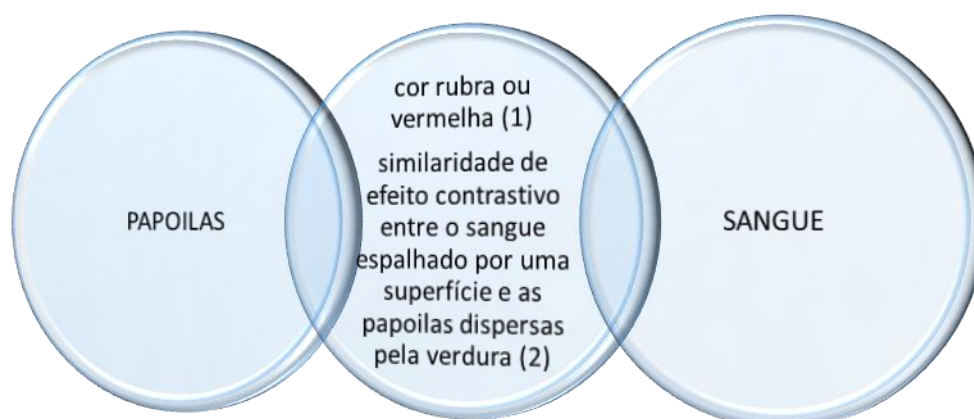


Já quanto a esta outra metáfora:

2 – Papoila, sangue da terra.

(Juan Ramón Jiménez, *Baladas de Primavera*, 1907)

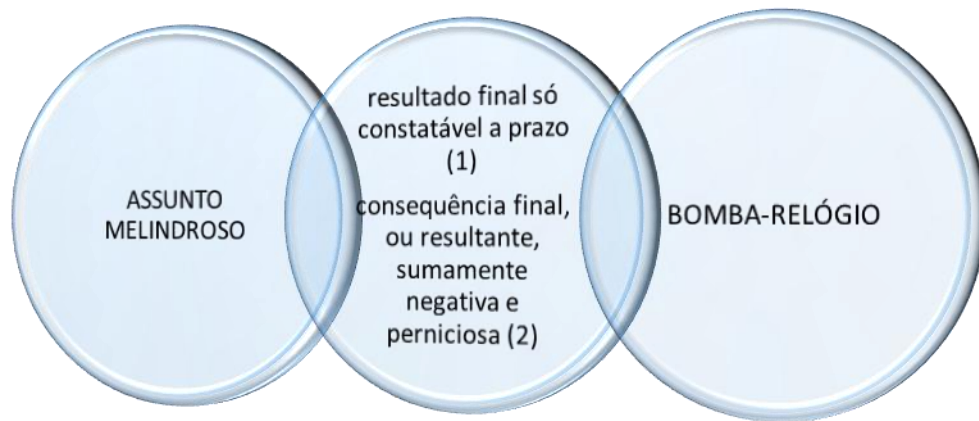
... poderemos representar, nestes termos, as características que a enformam:



Atentemos, agora, neste terceiro exemplo:

3 – Aquele assunto era uma bomba-relógio.

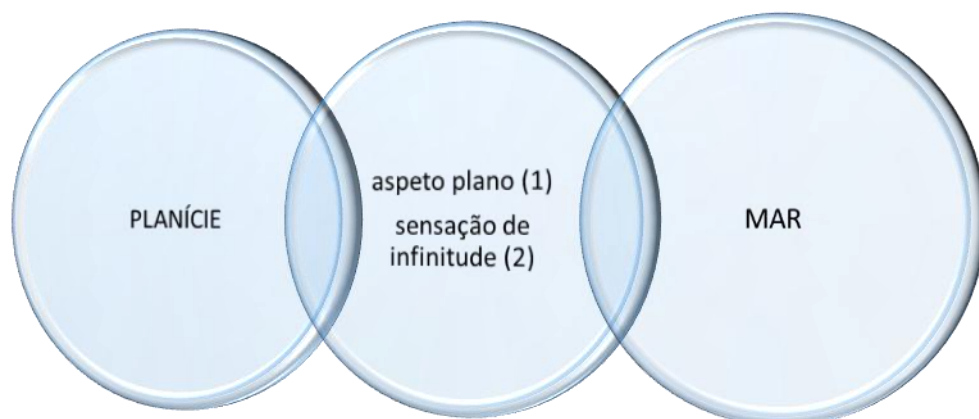
... a representação diagramática dos aqui partilhados predicados – repartidos por substituído (assunto melindroso) e substituinte (bomba-relógio) – seria:



Consideremos, finalmente, a seguinte metáfora:

4 – A planície era um mar.

... neste último caso, as características que o termo metafórico partilha com o termo metaforizado – serão passíveis da seguinte representação gráfica:



Num estudo sobre a afasia, R. Jakobson (1963: 43-67) esboçou uma conceção bipolar da metáfora. O linguista russo distinguia dois tipos de substituições fundamentais: a operação de similaridade que substitui algo de equivalente (substituente [S1]: «bétula» [variedade de árvore esguia e flexível, de porte pequeno ou mediano]; substituído [S2]: «jovem rapariga»), e a substituição de contiguidade que supõe uma relação predicativa entre o substituente [S1] («vela») e o substituído [S2] («veleiro ou barco à vela»).

O resultado destas duas distintas operações corresponderia, respetivamente, aos *tropos* de similaridade ou metáforas e aos *tropos* de contiguidade ou metonímias. Sendo que todos os outros *tropos* estariam subordinados a estes *tropos* fundamentais.

Aplicando à metáfora uma definição do supracitado tipo (substituição de similaridade), daí decorre uma importante consequência – a hipérbole, a sinestesia, a ironia e a alegoria podem ser interpretadas como *tropos* metafóricos específicos.

Neste mesmo seguimento – antes de elencarmos alguns exemplos particularmente significativos desta figura retórica – procuraremos evidenciar algumas tipologias de substituição de similaridade entendíveis como metáfora (os excertos sem identificação autoral são escritos próprios):

Metáfora concretizante (substituição [+] abstrato / [-] abstrato) versus metáfora abstractiva (substituição [-] abstrato / [+] abstrato):

Exemplos de metáfora concretizante:

Da rua, Porfírio cravou nela uns olhos de sátiro, acompanhou-a em seus movimentos lépidos, graciosos, sensuais, mistura de cisne e de cabrita.

(Obs.: destacamos, com sublinhado, as metáforas concretizantes.)

(Machado de Assis, *Terpsícore*, 1886)

A esperança é a apólice do pobre.

(Machado de Assis, *Terpsícore*, 1886)

Exemplo de metáfora abstractiva:

Ei-la a nau do sepulcro – o cemitério...

Que povo estranho no porão profundo!

Emigrantes sombrios que se embarcam

Para as plagas sem fim do outro mundo.

(Castro Alves, *Espumas Flutuantes*, 1870)

Metáfora materializante (substituição [+] animado / [-] animado) versus metáfora personificante (substituição [-] animado / [+] animado):

Exemplo de metáfora materializante:

Ao grande poeta baiano Gregório de Matos (1636-1696) se denomina: o «boca do inferno».

Exemplo de metáfora personificante:

Poentes morrendo p'ras bandas do mar (...).

(José Afonso, *Balada do Outono*, 1960)

Metáfora sinestésica visual-táctil (substituição [+] visual / [-] visual [*in casu*, [+] táctil]):

A cor da sua preferência sempre fora aquele quentíssimo amarelo-torrado.

Metáfora sinestésica visual-acústica (substituição [+] visual / [-] visual [*in casu*, [+] acústico]):

Aquela pintura era um grito de dor.

Metáfora sinestésica visual-acústica (substituição [+] visual / [-] visual [*in casu*, [+] olfativo]):

Fora uma vez ao Museu do Chiado contemplar a «Praia das Mações», de José Malhoa – o quadro cheirava mar. E, em boa verdade, sempre experimentava a mesma sensação quando relia «Os Velhos Marinheiros ou o Capitão de Longo Curso», de Jorge Amado – e seus olhos respiravam o forte odor da maresia.

Exemplos paradigmáticos de metáfora:

**Grácil, curvada sobre os feixes
De junco verde a que se apoia,
Salomé deita de comer aos peixes,
Que na piscina são relâmpagos de joia.**

(Eugénio de Castro, *Salomé e Outros Poemas*, 1896)

Olhei-a, pasmado. Mulher de vinte e oito ou trinta anos. Era bem-feita, mas fitando-a, senti alfinetadas de gelo. Não me lembro já de como ela estava vestida, nem isso interessa; lembro-me, isso sim, que os seus olhos, muito tristes, eram poços de solidão, de alfinetante solidão.

(Altino do Tojal, *A Colina dos Espantalhos Sonhadores*, 1975)

Ao segundo dia alcançámos a Madeira, bolo-rei enfeitado de vivendas cristalizadas a flutuar na bandeja de louça azul do mar (...).

(António Lobo Antunes, *Os Cus de Judas*, 1979)

**O tigre da manhã espreita pelas venezianas.
O vento fareja tudo.
Nos cais, os guindastes – domesticados dinossauros –
erguem a carga do dia.**

(Obs.: o segundo verso [«o vento fareja tudo»] inclui também uma prosopopeia.)

(Mário Quintana, *Baú de Espantos*, 1986)

Lua!
Camélia
Que flutua
No azul. Ofélia
Serena e dolente,
Fria, vagando pelas
Alturas, serenamente,
Por entre os lírios das estrelas;
– Santelmo aceso para a Saudade;
Luz etérea, simbólica, perdida
Entre os astros de ouro pela imensidade;
Esfinge da Ilusão no deserto da Vida!
Lâmpada do Sonho, lívida, suspensa...
Vaso espiritual dos meus cismares,
Custódia argêntea da minha crença,
Ó Rosa Mística dos ares!
Unge o meu ser, na apoteose
Da tua luz, e eu frua,
Cismando, a pureza
Da luz e goze
Toda a tua
Tristeza,
Lua!

(Obs.: este conhecido poema figurado do notável poeta brasileiro Da Costa e Silva [1885-1950] não é – em termos cronológicos (bem entendido) – o último dos exemplos metafóricos aqui considerados – apenas o elencámos em último lugar porque é, em

boa parte da sua extensão, uma torrencial sucessão de metáforas – que graficamente sublinhamos)

(Da Costa e Silva, *Sangue*, 1908)

2.3.9. Metonímia

Deve entender-se por metonímia a figura de estilo, de nível semântico, que opera a substituição da designação de uma certa realidade ou conceito por outra realidade ou conceito que relativamente aos primeiros participam de uma relação de proximidade, contiguidade, interdependência, coexistência, implicação ou inclusão (neste último caso estaremos perante uma sinédoque – caso particular de metonímia que nos merecerá uma abordagem autónoma).

Ao contrário da metáfora, não pressupõe uma relação comparativa.

Exemplos:

Entregara-se, durante décadas, ao prazeroso exercício de ler todo o Alonso de Ercilla, todo o Bernardo de Balbuena, todo o Diego de Hojeda – e a despeito de tais autores representarem uma ínfima parte da épica espanhola: chegou a ser tomado como autoridade na matéria.

(escrito próprio, 2023)

(Obs.: destacamos, com sublinhado, três metonímias)

Sobejamente experienciado, apostava há longos anos na mesma estratégia – sendo o último a sair: invariavelmente lhe cabia a honra de acabar a garrafa.

(escrito próprio, 2023)

(Obs.: destacamos a metonímia com sublinhado)

Dona Caetana Fernanda, a Condessa – muito coração e pouca cabeça.

(escrito próprio, 2023)

(Obs.: destacamos, com sublinhado, duas metonímias [facilmente alcançáveis a partir do sentido da frase]; sendo perceptível que «coração» está por «sentimento» e «cabeça» por «razão»)]

Já Bocage não sou!... À cova escura

Meu estro vai parar desfeito em vento...

Eu aos Céus ultrajei! O meu tormento

Leve me torne sempre a terra dura.

(Obs.: destacamos a metonímia com sublinhado)

(Bocage, *Rimas*, 1791 [edição de 1813])

2.3.10. Personificação

A personificação, prosopopeia ou animismo corresponde à introdução no discurso de animais, plantas, seres inanimados, pessoas mortas ou ausentes – aos quais se atribui fala, ação e sentimentos próprios das pessoas.

Exemplos:

Para aquele transbordo, em tarde de arraial, o horário só nos concedia três minutos avaros. O outro comboio já esperava, rente aos alpendres, impaciente e silvando. Uma sineta badalava com furor.

(Eça de Queirós, *Civilização* [in *Contos*], 1902 [póstumo])

Sonhava o lírio à beira de um ribeiro,
E começou também a amar a estrela.
Ele, que já vivera um dia inteiro,
Só tinha aquela noite para vê-la.

(Alphonsus de Guimaraens, poema *O Lírio e a Estrela*, 1916)

As rãs do charco clamavam:
Dai-nos sol! Dai-nos sol! (...)
Os ralos e a cigarra acompanhavam:
Solzinho! Solzinho! Solzinho!

(Aquilino Ribeiro, *Arca de Noé, III Classe*, 1936)

(...) **Espantalho** Felá prolonga o silêncio. Os seus grandes olhos estão duramente enraizados nas nuvens.

(Altino do Tojal, *A Colina dos Espantalhos Sonhadores*, 1975)

2.3.11. Sinédoque

A sinédoque consiste num tipo de metonímia (nomeação de uma realidade ou entidade através de outra com a qual estabelece uma estreita relação): em que se apresenta a parte pelo todo (aqui se incluindo a espécie pelo género, o singular pelo plural, a matéria fabricada pela matéria-prima) ou o todo pela parte (correlativamente, e *mutatis mutandis*: o género pela espécie, o plural pelo singular ou a matéria-prima pela matéria fabricada).

É, pois, um recurso expressivo que supõe a substituição de um termo por outro de expressão desigual – isto é, a substituição da parte pelo todo ou vice-versa.

Exemplos:

Prometeu – astuto titã, filho de Jápeto e de Tétis – roubou o fogo aos deuses para o dar aos mortais.

(Obs.: A espécie é expressa pelo género – o termo «mortais» reporta-se aos homens – os quais, sendo mortais, são apenas uma parte dos entes mortais que habitam a Terra.)

(escrito próprio, 2023)

Conhecia de ginjeira os políticos da comissão – uns vendidos, umas marionetas da América.

(Obs.: A parte é expressa pelo todo – o termo «América» não se refere, aqui, ao continente americano, mas apenas a uma das suas parcelas: os Estados Unidos da América.)

(escrito próprio, 2023)

Sancho I foi o primeiro monarca a intitular-se Rei de Portugal e dos Algarves.

(Obs.: O singular é expresso pelo plural – o termo «Algarves» refere-se a um único território administrativo, a uma única unidade geopolítica: o Algarve.)

(escrito próprio, 2023)

Há trinta dias que o jogador não tocava no couro.

(Obs.: A matéria fabricada é expressa pela matéria-prima – o termo «couro» reporta-se à bola de futebol.)

(escrito próprio, 2023)

Era naqueles campos que ganhava seu pão.

(Obs.: O género é expreso pela espécie – o termo «pão» está aqui pela diversidade dos géneros alimentícios necessários à sobrevivência, e em termos ainda mais latos: pela generalidade dos meios necessários à vida em sociedade.)

(escrito próprio, 2023)

Pastoreava um rebanho de quarenta cabeças.

(Obs.: O todo é expreso pela parte – a expressão «quarenta cabeças» refere-se a quarenta ovelhas ou cabras.)

(escrito próprio, 2023)

Contava oitenta primaveras.

(Obs.: O todo é expreso pela parte – contar «oitenta primaveras» tem aqui o sentido de ter oitenta anos)

(escrito próprio, 2023)

A sua secretária andava sempre nas bocas do mundo.

(Obs.: O todo é expreso pela parte – a secretária era falada por pessoas e não propriamente por bocas.)

(escrito próprio, 2023)

Ao homem ruivo e à mulher barbuda, de longe os saúda.

(Obs.: O plural é expreso pelo singular – «homem ruivo» e «mulher barbuda» estão aqui, respetivamente, por todos os homens ruivos e por todas as mulheres barbudas.)

(ditado popular)

Homem da Bretanha, em cada cabelo uma manha.

(Obs.: O plural é expresso pelo singular – «homem da Bretanha» está aqui por todos os homens da Bretanha.)

(ditado popular)

O poeta neoclássico possui uma noção muito própria do sublime.

(Obs.: O plural é expresso pelo singular – a expressão «poeta neoclássico» refere-se à generalidade dos poetas neoclássicos.)

(escrito próprio, 2023)

2.3.12. Sinestesia

Sinestesia é o recurso estilístico que consiste na associação de uma determinada sensação, ou impressão, a um sentido físico que não lhe corresponde. Equivalendo, pois, à transposição de certa perceção para um sentido sensorial do qual a mesma exorbita.

Exemplos:

(...) fere a vista, com brancuras quentes,

A larga rua macadamizada.

(Cesário Verde, *O Livro de Cesário Verde*, 1887 [póstumo])

À tardinha, quando principiava a escurecer, chegava a ter a ilusão de ouvir a toada muito doce e triste dos chocalhos dos rebanhos.

(Obs.: destacamos a sinestesia com sublinhado)

(Maria Lamas, *O Vale dos Encantos*, 1942)

A luz vinha subindo, afagando as nuvens, contornando as árvores longínquas e os ressaltos das montanhas da raia.

(Obs.: destacamos a sinestesia com dois sublinhados)

(Fernando Namora, *A Noite e a Madrugada*, 1950)

2.4. Alguns Exemplos Significativos de Recursos Expressivos em *Os Lusíadas*, de Luís de Camões

Alegoria (exemplo): Assim que sempre, enfim, com fama e glória, / Teve os troféus pendentes da vitória. (*Os Lusíadas*, canto I, 25ª estância)

Aliteração (exemplo): Bramindo, o negro mar de longe brada (...). (*Os Lusíadas*, canto V, 38ª estância)

Anáfora (exemplo): Verão morrer com fome os filhos caros, / Em tanto amor *gèrados e nacidos*; / Verão os Cafres, ásperos e avaros (...). (*Os Lusíadas*, canto V, 47ª estância)

Anáfora e Antítese (exemplo): De quem feitos ilustres se souberam, / De quem ficam memórias soberanas, / De quem se ganha a vida, com perdê-la (...). (*Os Lusíadas*, canto VI, 83ª estância)

Anástrofe (exemplo): A nau grande, em que vai Paulo da Gama, / Quebrado leva o *masto pelo meio* (...). (*Os Lusíadas*, canto VI, 75ª estância)

Anástrofe, Perífrase e Eufemismo (exemplo): Tirar Inês ao mundo determina (...). (*Os Lusíadas*, canto III, 123ª estância)

Antanáclase (exemplo): Que furor consentiu que a espada fina, / Que pôde sustentar o grande peso / Do furor mauro, fosse alevantada / Contra ãa fraca dama delicada? (*Os Lusíadas*, canto III, 123ª estância) [No primeiro verso transcrito, «furor» tem o sentido de loucura; no terceiro verso transcrito, o mesmo termo («furor») tem o sentido de heroicidade.]

Antítese (exemplo): Na Cítia fria ou lá na Líbia ardente (...). (*Os Lusíadas*, canto III, 128ª estância)

Antonomásia (exemplo): Cessem do sábio Grego e do Troiano (...). (*Os Lusíadas*, canto I, 3ª estância)

Apóstrofe (exemplos): **Estavas, linda Inês, posta em sossego (...).** (*Os Lusíadas*, canto III, 120ª estância); **Ó gente ousada mais que quantas / No mundo cometeram grandes cousas (...).** (*Os Lusíadas*, canto V, 41ª estância)

Apóstrofe e Prosopopeia (exemplo): **Tu só, tu, puro amor (...).** (*Os Lusíadas*, canto III, 119ª estância)

Assíndeto e Prosopopeia (exemplo): **Noto, Austro, Bóreas, Áquilo queriam / Arruinar a máquina do mundo (...).** (*Os Lusíadas*, canto VI, 76ª estância)

Comparação (exemplo): **Mostrando-lhe as amadas ninfas belas, / Que mais *fermosas* vinham que as estrelas.** (*Os Lusíadas*, canto VI, 87ª estância)

Comparação e Hipérbato (exemplo): **Assi como a bonina, que cortada / Antes do tempo foi (...).** (*Os Lusíadas*, canto III, 134ª estância)

Comparação e Perífrase (exemplo): **Fui dos filhos aspérrimos da Terra, / Qual Encelado, Egeo e o Centimano (...).** (*Os Lusíadas*, canto V, 51ª estância) [«Filhos aspérrimos da Terra» é perífrase de Titãs.]

Enumeração e Assíndeto (exemplo): **À calma, ao frio, ao ar, verão despidos (...).** (*Os Lusíadas*, canto V, 47ª estância)

Eufemismo, Metáfora e Antítese (exemplo): **Abraçados, as almas soltarão / Da fermosa e misérrima prisão.** (*Os Lusíadas*, canto V, 48ª estância)

Hipérbato (exemplos): **Aqui porá da Turca armada dura / Os soberbos e prósperos troféus (...).** (*Os Lusíadas*, canto V, 45ª estância); **A Deus pedi que removesse os duros / Casos que Adamastor contou futuros.** (*Os Lusíadas*, canto V, 60ª estância); Enquanto manda as Ninfas amorosas / **Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.** (*Os Lusíadas*, canto VI, 86ª estância); Às eternas esposas e fermosas, / **Que coroas vos tecem gloriosas** (...). (*Os Lusíadas*, canto X, 142ª estância)

Hipérbato e Perífrase (exemplo): **No carro ajunta as aves que na vida / Vão da morte as exéquias celebrando (...).** (*Os Lusíadas*, canto IX, 24ª estância)

Hipérbole (exemplos): **Que eu canto o peito ilustre Lusitano, / A quem Neptuno e Marte obedeceram.** (*Os Lusíadas*, canto I, 3ª estância); **Nos saudosos campos do**

Mondego, / **De teus formosos olhos nunca enxuto** (...). (*Os Lusíadas*, canto III, 120ª estância); Levam a companhia desejada / Das Ninfas, que hão de ter eternamente, /

Por mais tempo que o Sol o Mundo aquente. (*Os Lusíadas*, canto X, 143ª estância)

Hipérbole e Hipérbato (exemplos): **O céu fere com gritos nisto a gente** (...). (*Os Lusíadas*, canto VI, 72ª estância)

Hipérbole e Metáfora (exemplo): **Toda banhada em riso e alegria** (...). (*Os Lusíadas*, canto IX, 82ª estância)

Metáfora (exemplo): **Das águas, *algũa* ínsula divina, / Ornada de esmaltado e verde arreio** (...). (*Os Lusíadas*, canto IX, 21ª estância) [A expressão «esmaltado e verde arreio», que configura uma adjetivação anteposta, configura igualmente uma metáfora que quer significar o adorno da ilha («ínsula») com o brilho da verde cor da vegetação; o termo arreio toma aqui a sua aceção originária de «enfeite», anterior à sua aplicação a peças usadas para ajaezar animais de tração ou cavalaria.]

Metáfora, Antítese, Perífrase e Eufemismo (exemplo): **Abraçados, as almas soltarão / Da formosa e misérrima prisão**. (*Os Lusíadas*, canto V, 48ª estância)

Metáfora e Apóstrofe (exemplo): **Vede que fresca fonte rega as flores, / Que lágrimas são a água** (...). (*Os Lusíadas*, canto III, 135ª estância)

Metáfora, Hipérbato e Sinédoque (exemplo): **E navegar meus longos mares ousas, / Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho, / Nunca arados de estranho ou próprio lenho** (...). (*Os Lusíadas*, canto V, 41ª estância)

Metonímia (exemplos): Que eu canto o **peito ilustre Lusitano** (...). (*Os Lusíadas*, canto I, 3ª estância) [Tradicionalmente estabelece-se uma relação de contiguidade e conexão entre o peito ou o coração: e o ânimo, o valor, a intrepidez (no caso em apreço: dos ilustres portugueses)]; Cesse tudo o que a **Musa antiga** canta (...). (*Os Lusíadas*, canto I, 3ª estância) [A «Musa» – identificável com Calíope (musa da eloquência e da poesia heroica) e aqui referenciada como «Musa antiga» – corresponde, nesta circunstância, à Poesia antiga.]

Metonímia (especificamente – **sinédoque**) [exemplo]: Que, da **Ocidental praia Lusitana** (...). (*Os Lusíadas*, canto I, 1ª estância) [A parte (Ocidental praia Lusitana) está pelo todo (Portugal).]

Paralelismo, Anáfora e Polissíndeto (polissíndeto de conjunção disjuntiva) [exemplo]: **Ou porque o amor antigo o obrigava, / Ou porque a gente forte o merecia** (...). (*Os Lusíadas*, canto I, 36ª estância)

Paronomásia, Alegoria e Hipérbato (exemplo): **Crendo co sangue só da morte indina / Matar do firme amor o fogo aceso**. (*Os Lusíadas*, canto III, 123ª estância)

Pleonasmo (exemplos): **Se de humano é matar hũa donzela, / Fraca e sem força** (...). (*Os Lusíadas*, canto III, 127ª estância); (...) **acordam, despertando, / Os marinheiros dhũa e doutra banda**. (*Os Lusíadas*, canto VI, 70ª estância)

Pleonasmo e Antítese (exemplo): Assim foram cortando o mar sereno, / **Com vento sempre manso e nunca irado** (...). (*Os Lusíadas*, canto X, 144ª estância) [*in casu*, a antítese decorre do contraste antonímico entre os advérbios de tempo: «sempre» e «nunca»]

Prosopopeia (exemplos): **Que depois de ser morta foi rainha**. (*Os Lusíadas*, canto III, 118ª estância); **Aos montes ensinando e às ervinhas / O nome que no peito escrito tinhas**. (*Os Lusíadas*, canto III, 120ª estância); **Ali, depois que as pedras abrandarem / Com lágrimas de dor, de mágoa pura** (...). (*Os Lusíadas*, canto V, 48ª estância)

Quiasmo (exemplo): **Milhor é esprimentá-lo que julgá-lo; / Mas julgue-o quem não pode esprimentá-lo**. (*Os Lusíadas*, canto IX, 83ª estância)

2.5. Alguns Exemplos Significativos de Recursos Expressivos no Sermão de Santo António aos Peixes, do Padre António Vieira

Alegoria, Paralelismo, Anáfora e Interrogação Retórica (exemplo): **Quantos correndo fortuna na nau Soberba (...)** se iam desfazer nos baixos (...)? **Quantos, embarcados na nau Vingança (...)** corriam enfunados a dar-se batalha, onde se queimariam ou

deitariam a pique (...)? Quantos, navegando na nau Cobiça, (...) dariam nas mãos dos corsários com perda do que levavam e do que iam buscar (...)? Quantos, na nau Sensualidade, (...) se iriam perder cegamente (...)? (*Sermão de Santo António aos Peixes*, Capítulo III)

Alegoria (com base na analogia, metáfora e comparação), **Elipses** (este recurso evidenciamo-lo com sublinhados), **Aliteração** (recurso que assinalamos, na 2ª frase com 5 sublinhados curtos), **Enumeração**, **Paralelismo**, **Pleonasmo** (recurso que destacamos com tracejado), **Apóstrofe** e **Interrogação Retórica** (estes dois últimos recursos no *terminus* do transcrito excerto) [exemplo]: **A diferença que há entre o pão e os outros comeres é que para a carne há dias de carne e para o peixe dias de peixe, e para as diferentes frutas diferentes meses no ano; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre, e continuamente se come; e isto é o que padecem os pequenos. São o pão quotidiano dos grandes; e assim como o pão se come com tudo, assim com tudo, e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo, nem fazendo ofício, em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis* (parêntesis nosso: «devoram o meu povo como um pedaço de pão»). **Parece-vos bem isto, peixes?** (*Sermão de Santo António aos Peixes*, Capítulo IV)**

Aliteração (exemplo [destacamos uma aliteração em «c» e uma aliteração em «d» com sublinhados curtos]): **Os Autores comummente condenam esta condição dos peixes, e a deitam à pouca docilidade ou demasiada bruteza; mas eu sou de muito diferente opinião.** (*Sermão de Santo António aos Peixes*, Capítulo II)

Anáfora (exemplo): **O mar é muito largo, muito fértil, muito abundante (...).** (*Sermão de Santo António aos Peixes*, Capítulo IV)

Anástrofe e Aliteração (exemplo): **Estas mesmas propriedades tinham as pregações do vosso Pregador Santo António (...).** (*Sermão de Santo António aos Peixes*, Capítulo II)

Anástrofe e Comparação (exemplo): **São piores os homens que os corvos.** (*Sermão de Santo António aos Peixes*, Capítulo IV)

Antítese (exemplo): (...) **a virtude daquele peixezinho tão pequeno no corpo e tão grande na força e no poder (...).** (Sermão de Santo António aos Peixes, Capítulo III); **O Tubarão morreu porque comeu, e eles morreram pelo que não comeram.** (Sermão de Santo António aos Peixes, Capítulo V); (...) **traçou a traição às escuras, mas executou-a muito às claras (...).** (Sermão de Santo António aos Peixes, Capítulo V)

Antítese e Interrogação Retórica (exemplo): (...) **vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego?** (Sermão de Santo António aos Peixes, Capítulo IV)

Antítese e Paralelismo (exemplo): **Só uma diferença havia entre Santo António, e aquele Peixe: que o peixe abriu a boca contra quem se lavava, e Santo António abria a sua contra os que se não queriam lavar.** (Sermão de Santo António aos Peixes, Capítulo III)

Apóstrofe (exemplo): **Olhai, peixes, lá do mar para a terra.** (Sermão de Santo António aos Peixes, Capítulo IV)

Apóstrofe e Interrogação Retórica (exemplo): **Dizei-me, Voadores, não vos fez Deus para peixes? Pois porque vos meteis a ser aves?** (Sermão de Santo António aos Peixes, Capítulo V)

Comparação (exemplos): **O que é a Baleia entre os peixes era o gigante Golias entre os homens.** (Sermão de Santo António aos Peixes, Capítulo V); **O Polvo, com aquele seu capelo na cabeça, parece um Monge, com aqueles seus raios estendidos, parece uma Estrela, com aquele não ter osso, nem espinha, parece a mesma brandura, a mesma mansidão.** (Sermão de Santo António aos Peixes, Capítulo V).

Enumeração e Paralelismo (exemplo): **Cante-lhe aos homens o rouxinol, mas na sua gaiola; diga-lhe ditos o papagaio, mas na sua cadeia; vá com eles à caça o açor, mas nas suas piozes; faça-lhe bufonarias o bugio, mas no seu cepo.** (Sermão de Santo António aos Peixes, Capítulo II)

Gradação, Anáfora e Enumeração (exemplo): (...) **e as palavras do Santo os fizeram tremer a todos de sorte que todos tremendo se lançaram a seus pés, todos tremendo**

confessaram seus furtos, todos tremendo restituíram o que podiam (...), todos enfim mudaram de vida, e de ofício, e se emendaram. (*Sermão de Santo António aos Peixes*, Capítulo III)

Hipérbole (exemplo): Se a Igreja quer que preguemos de Santo António sobre o Evangelho, dê-nos outro. *Vos estis sal terrae*: é muito bom Texto para os outros Santos Doutores, mas para Santo António vem-lhe muito curto. (*Sermão de Santo António aos Peixes*, Capítulo I)

Interrogação Retórica (exemplo): Pode haver maior ignorância, e mais rematada cegueira que esta? (*Sermão de Santo António aos Peixes*, Capítulo IV)

Ironia (exemplo): Oh que boa doutrina era esta para a terra, se eu não pregara para o mar. (*Sermão de Santo António aos Peixes*, Capítulo V)

Metáfora e Anáfora (exemplo): No mar, pescam as canas, na terra pescam as varas (...); pescam as bengalas, pescam os bastões e até os ceptros pescam, e pescam mais que todos, porque pescam cidades e reinos inteiros. (*Sermão de Santo António aos Peixes*, Capítulo III)

Metáfora e Anástrofe (exemplo): Esta é a língua, peixes, do vosso grande Pregador, que também foi Rémore vossa (...). (*Sermão de Santo António aos Peixes*, Capítulo III)

Metáfora e Elipse (exemplo): O leme da natureza humana é o alvedrio, o Piloto é a razão (...). (*Sermão de Santo António aos Peixes*, Capítulo III)

Paralelismo (exemplos): Deixa as praças, vai-se às praias; deixa a terra, vai-se ao mar. (*Sermão de Santo António aos Peixes*, Capítulo I); Aos outros peixes mata-os a fome, e engana-os a isca; ao Voador mata-o a vontade de voar, e a sua isca é o vento. (*Sermão de Santo António aos Peixes*, Capítulo V).

Prosopopeia e Enumeração (exemplo): Vejo, peixes, que pelo conhecimento, que tendes das terras, em que batem os vossos mares, me estais respondendo, e convindo, que também nelas há falsidades, enganar, fingimentos, embustes, ciladas e muito maiores e mais perniciosas traições. (*Sermão de Santo António aos Peixes*, Capítulo V)

Polissíndeto, Enumeração e Paralelismo (exemplo): **Muitas vezes vos tenho pregado nesta Igreja, e noutras, de manhã e de tarde, de dia e de noite.** (*Sermão de Santo António aos Peixes*, Capítulo I)

Quiasmo (exemplos): **Com esta última advertência vos despido, ou me despido de vós (...).** (*Sermão de Santo António aos Peixes*, Capítulo VI); **Como não sois capazes de Glória, nem de Graça, não acaba o vosso Sermão em Graça, e Glória.** (*Sermão de Santo António aos Peixes*, Capítulo VI).

3. Testagem do Impacto do Estudo da Épica Camoniana e da Parenética Vieiriana na Aquisição e Consolidação de Recursos Expressivos, ao Nível dos 9º e 11º Anos de Escolaridade, com subsequente desenvolvimento de uma metodologia de investigação-ação para maximizar o impacto efetivo de tal estudo, a esse nível.

3.1. Considerações quanto ao impacto da épica camoniana na aquisição e consolidação de recursos expressivos, ao nível do 9º ano de escolaridade.

3.1.1. Recursos expressivos – Resultados de um teste diagnóstico (anónimo) distribuído a uma turma do 9º ano de escolaridade – turma do 9º X – do Agrupamento Escolar Alexandre Herculano (2022-2023), em momento anterior ao estudo d’ *Os Lusíadas*, de Luís de Camões.

A turma do 9º X contava, no início do ano letivo, com 17 alunos. Contudo, quando submetida a um 1º teste em matéria de recursos expressivos, contabilizava apenas 13 respondentes – e já somente 12 respondentes quando submetida ao 2º e 3º questionários.

Os resultados do 1º teste (teste do **ANEXO 1**), distribuído em momento anterior ao estudo d’ *Os Lusíadas*, foram os seguintes:

TURMA 9º X (13 respondentes)		
Excertos	Percentagens de acerto	Percentagens de acerto agregadas
Excerto 1: anáfora e metáfora	Anáfora (0/13 – 0 %)	46 %
	Metáfora (6/13 – 46 %)	(% para 6 acertos)

Excerto 2: hipérbole	Hipérbole (1/13 – 8 %)	8 %
Excerto 3: comparação, personificação e aliteração	Comparação (1/13 – 8 %) Personificação (3/13 – 23 %) Aliteração (3/13 – 23 %)	54 % (% para 7 acertos)
Excerto 4: comparação, antítese, ironia, enumeração	Comparação (2/13 – 15 %) Antítese (2/13 – 15 %) Ironia (1/13 – 8 %) Enumeração (0/13 – 0 %)	38 % (% para 5 acertos)
Excerto 5: metáfora e enumeração	Metáfora (0/13 – 0 %) Enumeração (2/13 – 15 %)	15 % (% para 2 acertos)
Excerto 6: antítese e metáfora	Antítese (1/13 – 8 %) Metáfora (1/13 – 8 %)	15 % (% para 2 acertos)

Destes resultados se extrai que antes do estudo d' *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, os 13 respondentes do 9º ano revelaram extrema dificuldade em identificar alguns exemplos simples de recursos expressivos «básicos»:

- **anáfora** (percentagem de acerto de 0 %) – tratando-se de recurso expressivo cuja aprendizagem é fixada no 6º ano de escolaridade pelo documento das «Aprendizagens Essenciais»;
- **antítese** (percentagens de acerto de 8 % e 15 %) – havendo sido apresentadas 2 antíteses no teste em causa e tratando-se de recurso expressivo cuja aprendizagem é fixada no 8º ano de escolaridade pelo documento das «Aprendizagens Essenciais»;
- **comparação** (percentagens de acerto de 8 % e 15 %) – havendo sido apresentadas 2 comparações no teste em causa e tratando-se de recurso expressivo cuja aprendizagem é fixada no 5º ano de escolaridade pelo documento das «Aprendizagens Essenciais»;

- **enumeração** (percentagens de acerto de 0 % e 8 %) – havendo sido apresentadas 2 enumerações no teste em causa e tratando-se de recurso expressivo cuja aprendizagem é fixada no 7º ano de escolaridade pelo documento das «Aprendizagens Essenciais»;
- **hipérbole** (percentagem de acerto de 8 %) – tratando-se de recurso expressivo cuja aprendizagem é fixada no 7º ano de escolaridade pelo documento das «Aprendizagens Essenciais»;
- **metáfora** (percentagens de acerto de 0 %, 8 % e 46 %) – havendo sido apresentadas 3 metáforas no teste em causa e tratando-se de recurso expressivo cuja aprendizagem é fixada no 6º ano de escolaridade pelo documento das «Aprendizagens Essenciais»;
- **personificação** (percentagem de acerto de 23 %) – tratando-se de recurso expressivo cuja aprendizagem é fixada no 5º ano de escolaridade pelo documento das «Aprendizagens Essenciais».

3.1.2. Recursos expressivos – Resultados de um teste diagnóstico (anónimo) distribuído a uma turma do 9º ano de escolaridade – turma do 9º X – do Agrupamento Escolar Alexandre Herculano (2022-2023), em momento ulterior ao estudo d’ *Os Lusíadas*, de Luís de Camões – sem aplicação de uma metodologia de investigação-ação.

Havendo lecionado ao 9º X o «Episódio do Gigante Adamastor» – ao longo de 5 blocos de 50 minutos (em finais de Abril / princípios de Maio) – colocámos particular ênfase na análise de alguns dos múltiplos recursos expressivos que pontuam aquele episódio, lançando mão da projeção e registo no quadro dos recursos cuja compreensão se revelava mais decisiva para a interpretação do mesmo, devidamente acompanhados das, ainda que sucintas, respetivas definições. Do que aqui deixamos esquemática reprodução:

1 - «Ó gente ousada» (est. 41, v. 1)

– **Apóstrofe**: é uma interpelação de um destinatário (real ou imaginário, presente ou ausente), para chamar a sua atenção.

2 - «**Nunca arados de estranho ou próprio lenho**» (est. 41, v. 8)

– **Metáfora**: aproximação de termos ou expressões pertencentes a realidades distintas, relacionando-os. No caso em apreço, «arar» é metáfora de «navegar» ou «sulcar» os mares.

– **Sinédoque**: substituição da parte pelo todo ou do todo pela parte. No caso em questão, «lenho» opera como a parte que é tomada pelo todo («nau» ou embarcação de outra espécie).

3 - «**Eu, que chorando andava meus desgostos,/ Comecei a sentir do Fado imigo,/ por meus atrevimentos, o castigo**» (est. 58, vv. 6-8)

– **Hipérbato**: inversão da ordem lógica das palavras na frase, com distorção ou subversão da sintaxe – pressupondo a separação de duas palavras que, por força da sintaxe, deveriam ser contíguas.

– **Anástrofe**: inversão da ordem habitual das palavras na frase, sem que ocorra ofensa ou «violação» da sintaxe. Por exemplo, a anteposição do adjetivo ao substantivo com intuito de enfatizar a adjetivação do substantivo ou a anteposição do verbo principal ao verbo auxiliar.

→ Desfazendo o **hipérbato** aqui presente, resultaria: «Eu, que chorando andava (parêntesis nosso: mantemos aqui a anástrofe) meus desgostos, comecei a sentir o castigo do Fado imigo por meus atrevimentos».

→ Desfazendo a **anástrofe** também aqui presente, daqui resultaria a expressão «andava chorando», em vez da expressão com anteposição do verbo principal «chorando andava» (efetivamente usada).

4 - «**Verão morrer com fome os filhos caros [...] Verão os cafres, ásperos e avaros**» (est. 47, vv. 1,3)

– **Anáfora**: repetição da mesma palavra, ou palavras, no início de frases, expressões

ou versos sucessivos.

5 - «**À calma, ao frio, ao ar, verão despidos**» (est. 47, v. 6)

– **Enumeração**: apresentação sucessiva de vários elementos da mesma natureza.

– **Assíndeto**: consiste na supressão dos elementos de coordenação entre palavras ou frases sucessivas (são muito frequentes os assíndetos caracterizados pela supressão da conjunção copulativa «e»).

6 - «**Ali, depois que as pedras abrandarem/ Com lágrimas de dor, de mágoa pura**» (est. 48, vv. 5-6)

– **Personificação**: atribuição de características humanas a animais, coisas ou ideias.

– **Hipérbole**: emprego de termos que conferem uma dimensão excessiva à realidade.

7 - «**Abraçados, as almas soltarão/ Da formosa e misérrima prisão**» (est. 48, vv. 7-8)

– **Eufemismo**: transmissão de uma ideia ou realidade desagradável de forma atenuada. No presente exemplo, «soltar a alma» – expressão que se reporta ao momento da separação do espírito ou alma (imortal e imperecível) do corpo terreno perecível, substitui o termo «morte» (tido como mais triste, cruel e desagradável).

– **Perífrase**: substituição de uma palavra ou expressão curta por uma mais longa com o mesmo sentido. No caso: «soltar a alma da formosa e misérrima prisão» é uma perífrase de «morrer».

– **Metáfora**: aproximação de termos ou expressões pertencentes a realidades distintas, relacionando-os. No exemplo em apreço, a «formosa e misérrima prisão» (também aqui há uma **dupla adjetivação** [«formosa e misérrima»] e uma **adjetivação superlativada** [«misérrima»]): é uma metáfora do corpo ou corpo humano, que podendo ser muito formoso (como era o caso da esposa do capitão Manuel de Sousa Sepúlveda – a historicamente belíssima Dona Leonor de Sá), não deixa de ser um perecível e passageiro invólucro (prisão) do espírito ou alma imortal que – segundo a crença católica – aquando da ressurreição se associará a um corpo novo e glorioso (em tudo distinto do corpo terreno: limitado e corruptível).

– **Antítese:** contraste entre elementos ou ideias. São contrastivos, e preenchem esta condição: os adjetivos «fermosa» e «misérrima».

Para efeito da aquisição e consolidação de recursos expressivos – bem mais relevante que esta limitada e parcialíssima análise expressiva de uma ou outra figura retórica de um episódio concreto, se revela a factologia que seguidamente explanamos.

A grande sedução d’ *Os Lusíadas* não está na singularidade da palavra, nem na excelência da métrica, nem sequer na arquitetura épica do poema nem mesmo na episódica comoção lírica a que ocasionalmente nos transporta. Todo o seu magnetismo se parece concentrar no magistral rendilhado – na insuperável e imensa filigrana – das figuras de estilo que lhe dão corpo. A epopeia camoniana é essencialmente um portentoso exercício de estilo. E é na autossuperação dos limites da possibilidade estilística convencional que Camões logra dobrar «o verdadeiro “Cabo das Tormentas”».

É, em suma, o próprio Camões o grande herói de uma pessoalíssima epopeia literária. E são, neste sentido, *Os Lusíadas* – em primeira e última instância – um autêntico tratado vivo de estilística.

Isto mesmo nos foi dado confirmar num prosaico e banalíssimo teste de domínio de recursos expressivos endereçado a esta mesma turma do 9º X – a qual havendo dado mostras de um *quase completo analfabetismo estilístico* antes de haver contactado com a epopeia camoniana, veio a revelar – em termos comparativos – notável e surpreendente performance quando testada em momento posterior ao estudo d’ *Os Lusíadas*. Atentemos, pois, nos resultados do teste com que o sobredito 9º X foi confrontado em tal circunstância (teste do **ANEXO 2**):

TURMA 9º X (12 respondentes)		
Excertos	Percentagens de acerto	Percentagens de acerto agregadas

Excerto 1: comparação e personificação	Comparação (4/12 – 33 %) Personificação (0/12 – 0 %)	33 % (% para 4 acertos)
Excerto 2: antítese, metáfora, personificação e dupla adjetivação	Antítese (3/12 – 25 %) Metáfora (5/12 – 42 %) Personificação (0/12 – 0 %) Dupla adjetivação (0/12 – 0 %)	67 % (% para 8 acertos)
Excerto 3: hipérbole e metáfora	Hipérbole (9/12 – 75 %) Metáfora (1/12 – 8%)	83 % (% para 10 acertos)
Excerto 4: anáfora, metáfora e enumeração	Anáfora (6/12 – 50 %) Metáfora (3/12 – 25 %) Enumeração (0/12 – 0 %)	75 % (% para 9 acertos)
Excerto 5: personificação	Personificação (5/12 – 42 %)	42 %
Excerto 6: metáfora	Metáfora (6/12 – 50 %)	50 %
Excerto 7: enumeração e adjetivação	Enumeração e adjetivação (6/12 – 50 %) Adjetivação (3/12 – 25 %)	75 % (% para 9 acertos)
Excerto 8: aliteração	Aliteração (3/12 – 25 %)	25 % (% para 3 acertos)

Deste teste, ulterior ao estudo d' *Os Lusíadas*, ressaltam em especial as seguintes evoluções:

– na anáfora, a percentagem de acerto foi de 50 % contra os 0 % anteriores ao estudo d' *Os Lusíadas*;

- na **antítese**, a percentagem de acerto foi de **25 %** contra os 8 % e 15 % (média de **12%**) anteriores ao estudo d’ *Os Lusíadas*;
- na **comparação**, a percentagem de acerto foi de **33 %** contra os 8 % e 15 % (média de **12%**) anteriores ao estudo d’ *Os Lusíadas*;
- na **enumeração**, as percentagens de acerto foram de 0 % e 50 % (média de **25 %**) contra os 0 % e 8 % (média de **4 %**) anteriores ao estudo d’ *Os Lusíadas*;
- na **hipérbole**, a percentagem de acerto foi de **75 %** contra os **8 %** anteriores ao estudo d’ *Os Lusíadas*;
- na **metáfora**, as percentagens de acerto foram de 8 %, 25 %, 42 % e 50 % (média de **31 %**) contra os 0 %, 8 % e 46 % (média de **18 %**) anteriores ao estudo d’ *Os Lusíadas*.

Não oferece, pois, dúvida que o estudo d’ *Os Lusíadas* induz uma significativa evolução dos alunos em matéria de recursos expressivos. Mas, ainda assim, e como adiante veremos, é possível maximizar tais resultados através da aplicação de uma metodologia distinta.

3.1.3. Recursos expressivos – Resultados de um teste diagnóstico (anónimo) distribuído a uma turma do 9º ano de escolaridade – turma do 9º X – do Agrupamento Escolar Alexandre Herculano (2022-2023), em momento ulterior ao estudo d’ *Os Lusíadas*, de Luís de Camões – com aplicação de uma metodologia de investigação-ação.

Os testes à aquisição e consolidação de recursos expressivos, efetivados junto dos alunos do 9º X, antes e após o estudo d’ *Os Lusíadas* – deram-nos a entender que, de um modo geral, a operação mental através da qual o aluno subsume ou integra um determinado excerto literário numa dada categoria de recurso expressivo é uma operação de elevado nível de abstração, em nada equiparável a uma prosaica e quase automática distinção entre um complemento direto, um complemento indireto ou um complemento oblíquo (embora também aí se possam suscitar algumas complexidades).

Se, quanto ao raciocínio puramente abstrativo, a acuidade apenas pode ser incrementada através de uma exercitação focada e contínua neste domínio – inviabilizada, em sala de aula, pela natural escassez do fator tempo – ou pelo assíduo convívio com obras da especialidade (algo igualmente utópico, a este nível), caberá, pois, colocar o foco numa outra dimensão da questão. A nosso ver, a este nível (2º e 3º ciclos do ensino básico), poderá e deverá mitigar-se a pesada componente de memorização requerida pela formação de uma paleta ou quadro mental minimamente completos da vasta multiplicidade de recursos expressivos que obras com o grau de complexidade d’ *Os Lusíadas* (no 9º ano) ou do *Sermão de Santo António aos Peixes* (no 11º ano) necessariamente mobilizam.

Por regra, os manuais escolares solicitam a identificação dos recursos expressivos em termos puramente diretos (o chamado «tiro à queima-roupa» – passe a metáfora). Muito ocasionalmente, com vista a atenuar a dificuldade que o estudante experimenta ao convocar mentalmente as múltiplas e complexas categorias mentais em que os recursos expressivos se consubstanciam, um ou outro compêndio escolar envereda pelo típico exercício de correspondências (correspondência entre concretos excertos literários e os recursos expressivos que lhe correspondem). Ora, nestes níveis de escolaridade (designadamente os 9º e 11º anos de escolaridade, com os quais contactámos), nem mesmo este expediente se revela suficiente para assegurar uma ótima aquisição e consolidação dos recursos expressivos, tomados na sua qualidade de categorias mentais de considerável grau de abstração.

Foi neste quadro que congeminámos um tipo de exercício de correspondências em que os recursos expressivos listados viessem acompanhados da respetiva definição ou delimitação – ainda que sem grande ambição teórica (até porque isso, a este nível académico, não seria exequível) – razoavelmente clara e rigorosa, pese a requerida natural concisão; podendo e devendo, numa fase mais adiantada da sua formação leitora, prescindir de um tal amparo.

Nesta ótica, expomos *infra* os resultados do exercício (teste do **ANEXO 3**) em que substanciámos a nossa investigação-ação, junto do 9º X:

TURMA 9º X (12 respondentes)		
Excertos	Percentagens de acerto	Percentagens de acerto agregadas
Excerto 1: comparação	Comparação (12/12 – 100 %)	100 %
Excerto 2: antítese	Antítese (10/12 – 83 %)	83 %
Excerto 3: hipérbole e personificação	Hipérbole (10/12 – 83 %) Personificação (0/12 – 0 %)	83 % (% para 10 acertos)
Excerto 4: anáfora e enumeração	Anáfora e enumeração (2/12 – 17 %) Anáfora (10/12 – 83 %)	100 % (% para 12 acertos)
Excerto 5: personificação	Personificação (9/12 – 75 %)	75 %
Excerto 6: hipérbole e metáfora	Hipérbole (0/12 – 0 %) Metáfora (5/12 – 42 %)	42 % (% para 5 acertos)
Excerto 7: enumeração	Enumeração (8/12 – 67 %)	67 %
Excerto 8: aliteração e enumeração	Aliteração (10/12 – 83 %) Enumeração (0/12 – 0 %)	83 % (% para 10 acertos)

Como se comprova, quanto a um ou outro recurso expressivo foram alcançadas elevadas percentagens de acerto. Cabendo relevar:

- percentagem de acerto de **100 %** para uma **comparação** e para uma **anáfora** (esta última identificada isoladamente [83%] ou em conjunto com a enumeração à qual se encontrava associada [17%]) ;
- percentagem de acerto de **83 %** para uma **antítese**;

– percentagem de acerto de **83 %** para uma **aliteração** (recurso expressivo comum n' *Os Lusíadas*, mas que – sem motivo entendível – o documento das «Aprendizagens Essenciais» reporta ao 10º ano de escolaridade).

No entanto, o que mais importará salientar é que não obstante se haver propiciado as definições dos recursos expressivos no próprio enunciado do exercício, houve ainda assim percentagens de insucesso expressivas. Senão, vejamos:

– a percentagem de acerto numa primeira **personificação** foi de **0 %**; o que significa uma percentagem de desacerto ou malogro (de «inconsequimento», passe o neologismo) de **100 %**;

– a percentagem de acerto numa segunda **personificação** foi de **75 %**; o que significa uma percentagem de desacerto de **25 %**;

– a percentagem de acerto numa primeira **hipérbole** foi de **83 %**; o que significa uma percentagem de desacerto de **17 %**;

– a percentagem de acerto numa segunda **hipérbole** foi de **0 %**; o que significa uma percentagem de desacerto de **100 %**;

– a percentagem de acerto numa primeira **enumeração** foi de **17 %**; o que significa uma percentagem de desacerto de **83 %**;

– a percentagem de acerto numa segunda **enumeração** foi de **67 %**; o que significa uma percentagem de desacerto de **33 %**;

– a percentagem de acerto numa terceira **enumeração** foi de **0 %**; o que significa uma percentagem de desacerto de **100 %**;

– a percentagem de acerto na **metáfora** foi de **42 %** (no exercício pós-estudo d' «Os Lusíadas» sem aplicação de uma metodologia de investigação-ação houve uma percentagem de acerto menor [31 %, i.e., (0%+8%+46%) / 3]); o que significa uma percentagem de desacerto de **58 %**.

Tudo compulsado, parecem tais resultados evidenciar que mesmo elegendo esta tipologia de exercício – ou seja, exercícios de correspondência entre excertos literários e recursos expressivos acompanhados da respetiva definição ou delimitação conceptual – **conquanto os níveis de sucesso se elevem consideravelmente**, não é de modo algum seguro que os alunos não venham a registar algumas percentagens de fracasso consideráveis, mesmo quanto a recursos expressivos que eventualmente identifiquem num outro excerto literário (pense-se, por exemplo, no caso da personificação que num excerto literário foi identificada por 75 % dos alunos, mas noutro segmento textual não foi identificada por nenhum respondente; ou na hipérbole que num excerto literário foi identificada por 83 % dos alunos, mas que em outro segmento textual nenhum dos mesmos identificou).

É, pois, de excluir liminarmente o entendimento de que a elaboração de exercícios de correspondência entre excertos literários e recursos expressivos acompanhados da respetiva definição ou delimitação conceptual traduza uma qualquer opção facilitista. Como se constata, mesmo elegendo esta opção pedagógica, as percentagens de desacerto ou malogro são ainda consideráveis (a despeito de tal opção pedagógica libertar o aluno do esforço de memorização, no sentido de potenciar a sua margem mental para a operação de subsunção ou integração dos concretos excertos literários nas categorias mentais que substanciam o respetivo ou respetivos recursos expressivos).

De seguida, explanaremos os resultados obtidos no quadro de uma investigação-ação conduzida junto de uma turma do **11º ano de escolaridade** – que aqui designaremos por **11º Z**. Orbitando esta última investigação-ação: em torno da aquisição e consolidação de recursos expressivos no contexto do estudo do *Sermão de Santo António aos Peixes*, do Padre António Vieira; bem como da possibilidade de maximização dos resultados proporcionados pelo estudo de tal obra através da adoção e prática dos já aqui sugeridos e abordados: exercícios de correspondência entre excertos literários e recursos expressivos acompanhados da respetiva definição ou delimitação conceptual.

3.2. Considerações quanto ao impacto da parenética vieiriana na aquisição e consolidação de recursos expressivos, ao nível do 11º ano de escolaridade.

3.2.1. Recursos expressivos – Resultados de um teste diagnóstico (anónimo) distribuído a uma turma do 11º ano de escolaridade – turma do 11º Z – do Agrupamento Escolar Alexandre Herculano (2022-2023), em momento anterior ao estudo do *Sermão de Santo António aos Peixes*, do Padre António Vieira.

No que se reporta ao 11º ano de escolaridade, trabalhamos com uma única turma, de 10 alunos, que designaremos por turma Z. Tratando-se de um universo muito reduzido, e a despeito do máximo rigor que imprimimos à nossa investigação, tal constrangimento não deixa de ser limitativo quanto à reprodutibilidade das nossas conclusões.

Num primeiro momento – anterior ao início do estudo do *Sermão de Santo António aos Peixes*, do Padre António Vieira – testámos a turma, quanto ao seu domínio de alguns dos recursos expressivos mais comuns. E fizemo-lo através de um 1º teste diagnóstico (teste do **ANEXO 4**), programado para um tempo de resposta de 10-15 minutos, e cujos resultados foram os seguintes:

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Acertos por rec. expres. (%)
1. Hipálage											0 %
2. Metáfora											60 %
3. Personificação											30 %
4. Eufemismo											80 %
5. Hipérbole											70 %
6. Apóstrofe											20 %
7. Enumeração											90 %
8. Aliteração											0 %
9. Perífrase											0 %
10. Metonímia											0 %
11. Polissíndeto											0 %
12. Alegoria											0 %
Respostas corretas por respondente (%)	17%	8%	42%	33%	33%	25%	17%	42%	42%	33%	

A média de acerto, por respondente, foi de **29,2 %**.

Cabendo assinalar alguns destaques negativos:

- ninguém identificou a **perífrase** como tal (embora o seu estudo seja obrigatório no 9º ano);
- ninguém identificou a **aliteração** como tal (embora o seu estudo seja obrigatório no 10º ano);

– só 20 % dos respondentes lograram identificar a apóstrofe (embora o seu estudo seja obrigatório no 10º ano);

– só 30 % dos respondentes lograram identificar a personificação (embora o seu estudo seja obrigatório no 5º ano).

3.2.2. Recursos expressivos – Resultados de um teste diagnóstico (anónimo) distribuído a uma turma do 11º ano (do Agrupamento Escolar Alexandre Herculano / 2022-2023), em momento ulterior ao estudo do *Sermão de Santo António aos Peixes*, do P. António Vieira – sem aplicação de uma metodologia de investigação-ação.

Em 17 de Novembro de 2023, ministrando uma aula introdutória ao estudo do *Sermão de Santo António aos Peixes*, do Padre António Vieira – e após haver sensibilizado os alunos quanto à riqueza expressiva da prosa barroca (quer na sua feição cultista, quer na sua vertente conceptista) – colocámos os alunos perante um exercício que mobilizava o conhecimento de alguns recursos expressivos – nomeadamente, o polissíndeto, o paralelismo, a anáfora e a interrogação retórica. De entre estes, e em linha com as «Aprendizagens Essenciais», os dois últimos são de aprendizagem obrigatória no 6º (anáfora) e 10º ano (interrogação retórica), respetivamente.

Identifica de entre os seguintes excertos textuais qual o que se inscreve na estética literária barroca. Fundamenta a tua escolha.

EXCERTO A:

«ACEITAR FALAR PARA UMA PAREDE é uma inevitabilidade colocada pelas coisas grandes da vida: o amor e a amizade, a descoberta e a transmissão do conhecimento, a organização da vida comum ou o caminho do crer. E pode resumir-se assim: onde quer que a relação se jogue, e quanto mais decisivo for o seu âmbito,

debatemo-nos com a evidência difícil e necessária de que cada um de nós, em algum momento, falará para uma parede. A vida é um laboratório de humildade, onde as nossas perspectivas se refazem continuamente. Ela expressa-se de forma contrária à clonagem e ao decalque, não avança imutada e repetida, não se revê em mimetismos; aceita os hiatos, a demora e a diferença.»

(Cardeal José Tolentino Mendonça, *O Pequeno Caminho das Grandes Perguntas*, p. 116)

EXCERTO B:

«“Vós”, diz Cristo, Senhor nosso, falando com os pregadores, “sois o sal da terra”; e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção; mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? **Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhes dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores dizem uma coisa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem que fazer o que dizem. Ou é porque o sal não salga, e os pregadores se pregam a si e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem a seus apetites. Não é tudo isto verdade?** Ainda mal.»

(Padre António Vieira, *Sermão de Santo António aos Peixes*, Capítulo I, § 1º)

Proposta de resposta:

→ É o excerto textual B aquele que se inscreve na literatura do barroco. De tal facto são indícios:

- a inclusão de uma citação bíblica: «sois o sal da terra» (Mateus 5,13) – com o intuito de credibilizar o discurso e obter eficácia argumentativa – a qual será pretexto («conceito predicável») de uma multiplicidade de jogos de conceitos e de palavras;
- o polissíndeto correspondente à repetição intencional do elemento de ligação «ou» (conjunção disjuntiva), com o intuito de imprimir uma maior intensidade expressiva;
- o paralelismo observável na repetição sucessiva da mesma estrutura frásica (ou é porque X ou é porque Y / ou é porque Z, e W / ou é porque T, e Q...), que permite salientar a ideia em causa e criar um certo efeito sonoro;
- a anáfora constatável nas sucessivas repetições da expressão: «ou (é) porque»;
- as interrogações retóricas: «...qual pode ser a causa desta corrupção?» e «Não é tudo isto verdade?» – são perguntas que não exigem resposta destinadas a captar a atenção dos destinatários e que, para além disso, asseguram a progressão textual.

Em 3 de Fevereiro de 2023, após a conclusão do estudo do *Sermão de Santo António aos Peixes*, do Padre António Vieira, testámos novamente os alunos do 11º Z quanto ao item em apreço (impacto da parenética vieiriana na aquisição e consolidação de recursos expressivos) – aplicando um 2º questionário (teste do **ANEXO 5**), idealizado para um tempo de resposta de 10-15 minutos, cujos resultados foram os seguintes:

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Acertos por rec. expres. (%)
1. Hipálage											0 %
2. Metáfora											10 %
3. Personificação											90 %
4. Eufemismo											10 %
5. Hipérbole											90 %
6.1. Apóstrofe											20 %
6.2. Pergunta Retórica											100 %
7. Enumeração											60 %
8. Aliteração											20 %
9.1. Perífrase											0 %
9.2. Pleonismo											10 %
10. Metonímia (sinédoque)											0 %
11. Polissíndeto											20 %
12. Alegoria											70 %
Respostas corretas por respondente (%)	36%	36%	36%	21%	36%	43%	29%	43%	43%	36%	

Nestes termos, cabe assinalar algumas importantes evoluções.

Após o estudo do *Sermão de Santo António aos Peixes*, do Padre António Vieira:

- a percentagem de acerto na **alegoria** passou de **0%** para **70%**;
- a percentagem de acerto na **personificação** passou de **30%** para **90%**;
- a percentagem de acerto na **aliteração** passou de **0%** para **20%**;
- a percentagem de acerto na **polissíndeto** passou de **0%** para **20%**;
- a percentagem de acerto na **hipérbole** passou de **70%** para **90%**.

No que tange ao facto de os questionados continuarem a não identificar uma hipálage, cabe precisar que se trata de uma figura estilística raríssima na prosa de António Vieira. Perguntar-se-á, pois, o motivo de termos interpelado os respondentes quanto a tal recurso expressivo. A razão por que o fizemos prende-se unicamente com a tentativa de aferir até que ponto o estudo de certos recursos expressivos induzia o estudo de outros mais ou menos congéneres. Como já aqui demos a entender, a matéria dos recursos expressivos – seja ao nível do 9º ano, seja ao nível do 11º ano (como é aqui o caso), seja noutro nível de escolaridade (acrescente-se) – é tradicionalmente relegada para pequenos glossários de recursos expressivos, usualmente constantes das últimas páginas dos compêndios e aos quais os alunos recorrem sempre que no decurso das suas aprendizagens (à educação literária nos referimos): são instados a identificar os recursos expressivos presentes nos textos. Aqui chegados, e retomando o nosso ponto, viemos a constatar – com alguma surpresa, diga-se – que no livro escolar adotado (***Letras em Dia 11*** [2022], de Pedro Silva, Elsa Cardoso e Susana Ribeiro Nunes, da Porto Editora), tal recurso expressivo (hipálage), pura e simplesmente, nem sequer constava de tal glossário, a despeito de, no 11º ano, ser de leitura integral obrigatória uma de duas obras de Eça de Queirós (*Os Maias* ou *A Ilustre Casa de Ramires*) e ser Eça um escritor em que a hipálage é recorrente. Nestes termos, ficou completamente inutilizada a nossa discreta tentativa de aferir até que ponto o estudo de certos recursos expressivos induzia um estudo proativo de outros mais ou menos congéneres; isto é, gorou-se esta nossa subtil tentativa de aferir a relevância da aprendizagem de recursos expressivos pelo

«contágio», ou «osmose», proporcionados pela consulta dos mais ou menos exhaustivos glossários de recursos expressivos, incluídos nos manuais.

Mais relevantes do que este último aspeto são alguns destaques negativos que não podemos deixar de assinalar; não obstante – como já aqui referimos – a percentagem de acerto na alegoria ter passado de **0%** para relevantíssimos **70%**; do que cabe tomar boa nota, por se tratar de um recurso expressivo muito característico da prosa de Vieira e de particular grau de dificuldade – facto é que a identificação de certas figuras estilísticas se revelou dececionante; havendo, em particular, dois casos a reter:

– se antes do estudo do *Sermão de Santo António aos Peixes*, 90% dos alunos foram capazes de identificar a metáfora presente na seguinte passagem do escritor galego Agustín Fernández: «**Para trás ficava a sua infância, afogada sem remédio no rio do tempo.**»; após o estudo do *Sermão de Santo António aos Peixes*, apenas 10% dos alunos – ou seja, um único aluno – se revelou capaz de identificar a metáfora implícita na celeberrima passagem de Fernando Pessoa [heterónimo Alberto Caeiro]: «**Sou um guardador de rebanhos. O rebanho é os meus pensamentos.**»;

– a percentagem de acerto na perífrase (de estudo obrigatório no 9º ano) manteve-se em preocupante **0%**.

Estes reveses, ou contratempos, levaram-nos a uma reflexão que, mais adiante, conduziria a nossa investigação-ação.

A metáfora é um recurso estilístico muito especial – é tal como a comparação uma imagem – mas uma imagem que não se limita a sublinhar as semelhanças entre as coisas. É uma imagem que supõe um transporte mental, com a consequente mutação do sentido das palavras. Lembremo-nos, por exemplo de uma conhecida metáfora do *Memorial do Convento*, de Saramago: «Mas esta cidade, mais que todas, é uma boca que mastiga de sobejo para um lado e de escasso para o outro (...)» [p. 36]. A boca aqui em causa já não é mais boca. Transformou-se num sistema social dualista que dá a uns larga abastança e impõe a outros longa abstinência. Esta operação mental nem sempre está ao alcance de jovens de 16 anos, pouco ou nada focados num certo nível de raciocínio especulativo; pouco ou nada dados à elucubração.

No caso particular da metáfora implícita na citada passagem de Fernando Pessoa [heterónimo Alberto Caeiro]: «**Sou um guardador de rebanhos. O rebanho é os meus pensamentos.**», a dificuldade estaria talvez no facto de se tratar de uma metáfora a dois tempos (uma metáfora gerada na articulação ou conjugação de duas frases). Se Alberto Caeiro tivesse simplesmente escrito «**Sou um pastor de pensamentos.**» – teria havido maior percentagem de acerto por parte dos respondentes? Não temos como responder.

Todavia, pareceu-nos certo que atenta a ampla multiplicidade de recursos expressivos mobilizados por escritores do nível de Vieira, Camilo ou Eça – que podem potenciar, como poucos, o nível de oralidade e escrita dos alunos que os leem – seria desperdício procurar adquirir e consolidar os recursos expressivos a que o contacto com os mesmos dá acesso, na tradicional base de algumas, poucas, definições de recursos expressivos mal decoradas e, por esse motivo, largamente falíveis – tanto mais que se revelam pontuais os exercícios que os manuais dedicam ao tópico das figuras retóricas ou estilísticas; o que não permite uma adequada assimilação dos mesmos e muito menos a sua eficaz consolidação.

De resto, também não poderia passar em claro o facto de os respondentes se terem revelado incapazes de identificar uma perífrase – possivelmente um dos mais simples recursos expressivos.

Em suma, tendo entendido que a conjugação de um extensíssimo espectro de recursos expressivos com uma memorização defeituosa ou parcelar de uma limitada fração dos mesmos não era pedagogicamente rentável, e menos ainda se associada – como no caso paradigmático da metáfora – a um nível de abstração, por vezes elevado, do recurso ou figura sob questão; demos corpo à investigação-ação, ideando um questionário que não solicitasse uma identificação «à queima-roupa» dos recursos expressivos, mas antes um questionário de estabelecimento de correspondência entre os excertos textuais – dispostos ao longo de uma coluna – e as definições tendencialmente sintéticas e inequívocas dos recursos expressivos – dispostas ao longo de uma coluna paralela; fazendo, assim, jus ao mote de que não há melhor

exercitação do que a exercitação informada – aquela que, a nosso ver, mais se proporciona a uma efetiva assimilação.

Veio, assim, a aplicar-se tal tipologia de questionário – formulado segundo o *supra* aduzido modelo de investigação-ação:

3.2.3. Recursos expressivos – Resultados de um teste diagnóstico (anónimo) distribuído a uma turma do 11º ano (do Agrupamento Escolar Alexandre Herculano / 2022-2023), em momento ulterior ao estudo do *Sermão de Santo António aos Peixes*, do P. António Vieira – com aplicação de uma metodologia de investigação-ação.

Eis, pois, o corolário do 3º questionário (teste do **ANEXO 6**), também idealizado para um tempo de resposta de 10-15 minutos, mas consubstanciando a aplicação da *supra* especificada metodologia de investigação-ação:

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Acertos por rec. expres. (%) versus Acertos sem investigação-ação (%)
1. Perífrase											60 % vs. 0 %
2. Metáfora											10 % vs. 10 %
3.1. Apóstrofe											60 % vs. 20 %
3.2. Pergunta retórica											60 % vs. 100%
4. Aliteração											50 % vs. 20%
5. Enumeração											60 % vs. 60 %
6. Pleonasma											0 % vs. 10 %
7. Polissíndeto											50 % vs. 20 %
8. Metonímia (sinédoque)											30 % vs. 0 %
Respostas corretas por respondente (%)	56 %	78 %	56 %	56 %	56 %	67 %	33 %	0 %	11 %	11 %	

Antes de empreendermos uma leitura destes resultados é indispensável sublinhar que apenas nos interessamos por retomar recursos expressivos que, tendo sido questionados no teste que distribuímos à turma do 11º Z, em momento ulterior ao estudo do *Sermão de Santo António aos Peixes*, do P. António Vieira – sem aplicação de uma metodologia de investigação-ação – foram objeto de percentagens de identificação baixas ou relativamente baixas (com exceção da pergunta retórica, cuja taxa de acerto de 100% nos inspirou algumas dúvidas).

Tendo adotado o já supradescrito **modelo de investigação-ação**, registaram-se as seguintes evoluções:

- a percentagem de acerto na **perífrase** passou de **0%** para **60%**;
- a percentagem de acerto na **apóstrofe** passou de **20%** para **60%**;
- a percentagem de acerto na **metonímia (sinédoque)** passou de **0%** para **30%**;
- a percentagem de acerto na **aliteração** passou de **20%** para **50%**;
- a percentagem de acerto na **polissíndeto** passou de **20%** para **50%**.

Para aqueles recursos expressivos que viemos a retomar na investigação-ação, a média das respostas corretas – **sem investigação-ação (s/I.A.)** – havia sido de modestos **26,7%**.

Seguindo o nosso modelo de investigação-ação (IA), a média das respostas corretas para tais itens foi consideravelmente superior: **42,2%**. O que não pode deixar de ser tido como relevante e assinalável.

Ainda assim, sendo tal percentagem de acerto inferior ao limiar «psicológico» dos 50%, estes resultados não nos dão uma particular satisfação; muito especialmente se levarmos em conta alguns pormenores particularmente constrangedores:

- a percentagem de acerto na **metáfora** manteve-se em 10% (sem dúvida, o dado mais desapontante – tanto mais que o excerto em causa contemplava: não uma, mas um total de três metáforas; evocando a propósito da imensa multidão, de dois milhões de parisienses, que a pretexto de um evento festivo se apinhava em três ruas: «a

clássica sardinha na sua clássica lata, um maço de cigarros densamente apertado, grãos de café do saco pançudo que quase estoura» – metáforas mais do que óbvias de uma multidão comprimida num espaço limitado);

– a percentagem de acerto na pergunta retórica decaiu de 100% para 60%.

Estes dois pormenores negativos são um alerta e merecem-nos as seguintes considerações:

A metáfora é uma figura que repousando numa analogia interna, opera no plano da similaridade; ao contrário da metonímia, que fundando-se numa proximidade externa, opera no plano da contiguidade. Nestes termos, enquanto a metonímia se situa na dimensão prosaica do discurso, a metáfora – ao operar no plano da similaridade – e porque a poesia é justamente governada pelo princípio da similaridade: encontra o seu terreno de eleição na poesia.

O excerto queirosiano onde a maioria dos respondentes se revelou incapaz de localizar três metáforas consecutivas – a despeito da sua sugestiva perfeição técnica – não tem propriamente a ressonância poética (que a prosa vieiriana amiúde alcança): a que os respondentes, porventura, mais facilmente associariam a metáfora. Contudo, nada nos garante que tenha sido por aí que a maioria dos questionados baqueou na identificação metafórica.

Recordando o velho brocardo: «Da colher à boca se perde a sopa» e atento o conteúdo da definição de metáfora constante do exercício – «[...] consiste em identificar uma realidade com outra [...], sem a indicação clara do que lhes é comum» – é de considerar que a maioria dos respondentes não descortinou o que era comum às realidades que o enunciado, afinal de contas, metaforicamente aproximava. Neste sentido, importa considerar que mesmo na posse de uma definição correta de dado recurso expressivo, a aplicação desse «apparatus» teórico ao caso concreto pode falir por falhar ao aluno a capacidade abstração e processamento que permite lançar e estabelecer a ponte para o concreto excerto textual.

Reflexão que mais se reforça se atentarmos no caso dos 100% de respondentes que havendo identificado uma pergunta retórica no questionário pós-estudo do «Sermão

de Santo António aos Peixes» – **sem aplicação de uma metodologia de investigação-ação** – quando convocados para um questionário ulterior, em que se aplicou uma metodologia de investigação-ação, parcialmente substantivada na disponibilização das definições, tendencialmente sintéticas e inequívocas, dos recursos expressivos questionados – se mostraram incapazes de identificar uma específica e concreta interrogação retórica, distinta daquela que lograram identificar no teste anterior (em que tal definição nem sequer lhes fora disponibilizada). Em suma, além da condicionante da posse de uma definição minimamente rigorosa e operacional de cada um dos recursos expressivos, uma outra condicionante avulta – até que ponto a conformação e as específicas particularidades do concreto excerto textual não suplantam a capacidade de abstração e processamento do aluno (mesmo que eventualmente munido de adequado suporte teórico).

Considerações Finais

Num contexto de ensino / aprendizagem linguístico-literário, uma interação regular com recursos expressivos, e muito em particular com aqueles que possibilitam a construção de uma linguagem figurada: é não só decisiva em matéria de interpretação textual, como imprescindível no que à arte de bem falar e escrever se reporta.

Tomando como pressuposto este princípio base, desenvolvemos uma investigação-ação que havendo-se debruçado sobre «O Impacto da Épica Camoniana e da Parenética Vieira na Aquisição e Consolidação de Recursos Expressivos, ao Nível dos 9º e 11º Anos de Escolaridade» – nos inspirou duas conclusões, em especial:

1 – *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, têm um relevante impacto na aquisição e consolidação de recursos expressivos, ao nível do 9º ano de escolaridade. O mesmo sucede com o *Sermão de Santo António aos Peixes*, ao nível do 11º ano de escolaridade. Concorrendo os supracitados motivos para que não se recomende a substituição do estudo destas obras por quaisquer outras. Na verdade, excetuando casos muito contados – como os de Bocage, Camilo, Eça, Eugénio de Castro, Teixeira de Pascoaes, Aquilino (sob o nosso ponto de vista, o maior estilista da língua da língua

portuguesa – mas cujo nível vocabular, cultural e abstrativo o transforma num autor de difícil assimilação junto dos níveis etários escolares) ou do olvidadíssimo (e oblíquo) Tomaz de Figueiredo, são verdadeiramente raros os autores de alto grau de mobilização recursiva – que o mesmo é dizer: de alto grau de expressividade.

Em boa verdade, a pujança recursiva e expressiva da épica camoniana só poderia encontrar sucedâneo na lírica camoniana.

Talqualmente, o *Sermão de Santo António aos Peixes*, de Vieira, do ponto de vista estilístico (ao engenho de suas figuras retóricas nos referimos), só poderá encontrar equivalência em outras obras parenéticas do mesmo Vieira; que a despeito da incomensurável vastidão da sua obra (na qual caberiam várias Bíblias [não por acaso, Pessoa o qualifica como o «Imperador da Língua Portuguesa»]) – mantém sempre um elevadíssimo padrão qualitativo (que o torna deveras notável).

II – Se é certo que *Os Lusíadas* e o *Sermão de Santo António aos Peixes* potenciam a aquisição e consolidação de recursos expressivos, ao nível dos 9º e 11º anos de escolaridade (respetivamente) – não é menos certo que a aposta em exercícios de correspondência entre excertos literários e recursos expressivos acompanhados da respetiva definição ou delimitação conceptual (não experimentada nos manuais escolares correntes): não sendo de modo algum uma estratégia facilitista (o que resulta evidente das ainda consideráveis percentagens de desacerto ou insucesso que não logra neutralizar) – potencia e maximiza, de modo nítido, o grau de acerto dos estudantes em termos de identificação de recursos expressivos; o que especialmente recomenda tais exercícios como meio eficaz de assimilação de recursos expressivos por parte dos alunos dos níveis de escolaridade aqui em causa (9º e 11º anos).

Sob este conspecto, cabe sublinhar que os exercícios de correspondência entre excertos literários e recursos expressivos acompanhados da respetiva definição ou delimitação conceptual, como oportunamente frisámos, libertam o aluno do esforço de memorização, no sentido de potenciar a sua margem mental para a operação de subsunção ou integração dos concretos excertos literários nas categorias mentais que substanciam o respetivo ou respetivos recursos expressivos.

Este alívio do esforço deliberado ou intencional de fixação / retenção de definições, proporcionado pelos citados exercícios de correspondência entre excertos literários e recursos expressivos acompanhados da respetiva definição ou delimitação conceptual, dá «margem mental» para pôr em marcha as articulações conceptuais próprias de um raciocínio especulativo (concretamente, as necessárias associações de ideias efetuadas por: semelhança, conexão ou correlação).

Em concreto, e a título puramente ilustrativo: o reconhecimento da metáfora requer uma operação mental de **analogia**; o reconhecimento da metonímia requer uma operação mental de **correspondência**; o reconhecimento da sinédoque, por seu turno, convoca uma operação mental de **conexão**; a identificação da hipérbole pressupõe a reprodução mental da **amplificação ou atenuação** ínsita a tal figura de estilo; o reconhecimento do hipérbato compreende uma reprodução mental da estratégia de **intercalação** num dado grupo sintático de uma palavra que lhe é alheia, adotada pelo autor literário; etc. Tais operações mentais reclamam uma disponibilidade de inteção que, desejavelmente, não deverá estar essencialmente alocada à memorização deliberada ou intencional. Até porque os preconizados exercícios de correspondência entre excertos literários e recursos expressivos acompanhados da respetiva definição ou delimitação conceptual: possibilitam uma memorização conceitual que paulatinamente se vai produzindo (e é, neste sentido, uma memorização mais natural), à medida que o aluno se exercita segundo um tal modelo ou tipologia de questionário.

Em complemento desta argumentação, tenha-se presente que a este nível (3º ciclo do ensino básico e ensino secundário – ensino obrigatório, portanto) o foco não deve, a nosso ver, centrar-se num laborioso esforço de meticulosa codificação mental ou memorização de plúrimos recursos expressivos, mas sim na identificação e reconhecimento operacional da multiplicidade dos artefactos expressivos veiculados pelo texto literário. Numa palavra – aprender a nadar, nadando. Mesmo que, em fases mais precoces (designadamente, o 9º ou 11º anos com os quais trabalhamos): tal exercício natatório ocorra sob a prudente segurança de um colete «salva-vidas» (passe a metáfora).

Bibliografia

AMARAL, Rosa Maria Baptista (2009) *A Metáfora na Compreensão e Interpretação do Texto Literário*; tese de doutoramento; Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Aprendizagens Essenciais (2018); Lisboa: Direção Geral da Educação

AQUIEN, Michèle (1993) *La Versification appliquée aux Textes*; Paris: Nathan

ARISTÓTELES (2008) *Poética*; trad. em língua portuguesa de Ana Maria Valente; Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

BERGEZ, Daniel (1989) *L'Explication de Texte Littéraire*; Paris: Bordas

CALDERÓN, Demetrio Estébanez (1996) *Diccionario de Términos Literarios*; Madrid: Alianza Editorial

CRUZ, Ricardo & SOUSA, Isolete & TAVARES, Bárbara & PINHEIRO, Daniela (2022) *Marca a Página – Português 11º Ano*; Porto: Porto Editora

DUBOIS, J. & EDELINE, F. & KLIKENBERG, J.M. & MINGUET, P. & PIRE, F. & TRINON, H. (1970) *Rhétorique Générale*; Paris: Librairie Larousse

DUMARSAIS, César Chesneau (1730) *Des Tropes ou des Diferens Sens dans Lequels on Peut Prendre un Même Mot dans une Même Langue*; Paris: Chez la Veuve de Jean-Batiste Brocas. Disponível em linha:

<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k50576m/f12.item>

FONTANIER, Pierre (1818) *Les Tropes de Dumarsais, Avec Un Commentaire Raisonné*; Paris: Belin-Le-Prieur. Disponível em linha:

<https://archive.org/details/lestropesdedumar01duma/page/n3/mode/2up>

FIÚZA, Mário (1977) *Introdução ao Estudo do Texto Literário*; Porto: Porto Editora

FRANCO, José Eduardo & CALAFATE, Pedro (2014) *Obra Completa de Padre António Vieira*; Lisboa: Círculo de Leitores

- JORGE, Noémia & RAMOS, Auxília & BRAGA, Zaida & NUNES, Susana (2021) *Preparação Para o Exame Nacional – Português 11º Ano*; Porto: Porto Editora
- JAKOBSON, Roman (1963) *Essais de Linguistique Générale*, trad. em língua francesa de Nicolas Ruwet; Paris: Les Éditions de Minuit
- LAPA, M. Rodrigues (1945) *Estilística da Língua Portuguesa*; Lisboa: Seara Nova
- LAUSBERG, Heinrich (1967) *Elementos de Retórica Literária*, trad. em língua portuguesa de R.M. Rosado Fernandes; Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- LAUSBERG, Heinrich (1960) *Manual de Retórica Literária*, trad. em língua espanhola de José Pérez Riesco; Madrid: Editorial Gredos
- LENCASTRE, Francisco de Sales (1927) *Os Lusíadas – Poema Épico de Luís de Camões – Edição Anotada Para Leitura Popular*; Lisboa: Livraria Clássica Editora
- MOISÉS, Massaud (1978) *Dicionário de Termos Literários*; São Paulo: Editora Cultrix
- MORIER, Henri (1989) *Dictionnaire de Poétique et de Rhétorique*; Paris: Presses Universitaires de France
- NETO, Conceição Monteiro & GUIMARÃES, Laura & BROCHADO, Olga & AMARAL, Rosa Maria & NUNES, Susana (2021) *Conto Contigo 9 – Português - 9º Ano*; Porto: Areal Editores
- PAIVA, Ana Miguel de & ALMEIDA, Gabriela Barroso de & JORGE, Noémia & JUNQUEIRA, Sónia Gonçalves (2019) *(Para)Textos – Português - 9º Ano*; Porto: Porto Editora
- PEREIRA, Maria João & DELINDRO, Fernanda Bela (2022) *Págin@s11 – Português - 11º Ano*; Porto: Areal Editores
- PINTO, Elisa Costa & BAPTISTA, Vera Saraiva (2013) *Novo Plural 9*; Lisboa: Raiz Editora
- PINTO, José Manuel Castro (2012) *As Figuras de Estilo da Língua Portuguesa e Outros Recursos Expressivos*; Lisboa: Plátano Editora

PRANDI, Michele (1992) *Grammaire Philosophique des Tropes – Mise en Forme Linguistique et Interprétation Discursive des Conflits Conceptuels*; Paris: Les Éditions de Minuit

SILVA, Pedro & CARDOSO, Elsa & NUNES, Susana Ribeiro (2022) *Letras em Dia 11*; Porto: Porto Editora

SUHAMY, Henri (s/d) *As Figuras de Estilo*, trad. em língua portuguesa de Maria de Fátima Ferreira da Silva; Porto: RÉS-Editora

VARGA, A. Kibédi [et al.] (1981) *Teoria da Literatura*, trad. em língua portuguesa de Tereza Coelho; Lisboa: Editorial Presença

VILELA, Mário Augusto do Quinteiro (2005) *Três Estratégias Cognitivas da Figuratividade na Língua: Sinestesia, Metáfora e Metonímia*; Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto

ANEXOS

ANEXO 1

9º ANO / 1º teste (teste diagnóstico prévio ao estudo d' *Os Lusíadas*)

RECURSOS EXPRESSIVOS – TESTE DIAGNÓSTICO (ANÓNIMO), PRÉVIO AO ESTUDO D' *OS LUSÍADAS*, DE LUÍS DE CAMÕES

TURMA: 9º X do Liceu Alexandre Herculano (2022/2023)

Identifica os recursos expressivos presentes em cada um dos seguintes segmentos textuais.

– «...aqueles cabelos cor de sol-claro, e aquele colo de garça real...»

(Eça de Queirós, *O Defunto* [in *Contos*])

– «O ar sobreaquecido, denso de fumo e exalações, pode cortar-se à faca.»

(José Rodrigues Miguéis, *Uma Aventura Inquietante*)

– «Mais leve que a pluma

que no ar balança,

pela praia dança

a ligeira espuma.»

(Afonso Lopes Vieira, *Os Versos de Afonso Lopes Vieira*)

– Com a perda do sr. Carnot, assassinado como Henrique IV, nenhum cidadão (supérfluo é lembrar) se considera perdido: e as mulheres, em vez de arrepiar o cabelo, põem mais cuidado em o pentear, para assistirem, com uma curiosidade ligeira, à festa dos funerais.

Não há obras interrompidas, nem operários despedidos. Pelo contrário! Os jardineiros, os floristas, os fabricantes de coroas, embolsam mais de três milhões de francos. O assassinato do chefe do Estado anima o comércio. De facto, não há nada mudado em França – apenas um bom francês de menos.

(Eça de Queirós, *Cartas de Paris*)

– «**Monotonia! Gume frio, acerado, tenaz, eloquente.**

Sino de poucos tons, impressionante.»

(Irene Lisboa, *Outono Havias de Vir Latente Triste*)

– «**Patos brancos atravessam a rua, grasnam em bando. Vanda olha-os, curiosa, e eu. São bichos estranhos, rudimentares, as suas formas não se apuraram, são restos de qualquer ramo secundário da vida. Disformes, ridículos na massa pançuda do corpo sobre as patinhas curtas. Só são plausíveis pousados na água. Desengonçam-se agora, atrapalhados com o papo que quase lhes roja pelo chão. E grasnam para o silêncio. Agrupam-se uns aos outros assustados, aceleram o bamboleio e grasnam sempre para o grande silêncio da montanha, desaparecendo enfim num quintal próximo com a sua voz raspada de batráquios.»**

(Vergílio Ferreira, *Alegria Breve*)

ANEXO 2

9º ANO / 2º teste (teste diagnóstico ulterior ao estudo d' *Os Lusíadas* – sem aplicação de uma metodologia de investigação-ação)

RECURSOS EXPRESSIVOS – TESTE DIAGNÓSTICO (ANÓNIMO), ULTERIOR AO ESTUDO D' *OS LUSÍADAS*, DE LUÍS DE CAMÕES

TURMA: 9º X do Liceu Alexandre Herculano (2022/2023)

Identifica os recursos expressivos presentes em cada um dos seguintes segmentos textuais.

«(...) os bigodes revirados pareciam duas labaredas assanhadas pelo bafo dos cigarros.»

(José Cardoso Pires, *Alexandra Alpha*)

«O poeta é escravo e senhor do poema.»

(Murilo Mendes, *O Discípulo de Emaús*)

«De mil monstros cruéis ando cercado.»

(Fernão Rodrigues Soropita, *Poesias e Prosas Inéditas de Fernão Rodrigues Lobo Soropita*)

«Dorme no saltério e na magnólia,/

Dorme no cristal e em Cassiopeia./

Dorme em Cassiopeia e no saltério,/

Dorme no cristal e na magnólia.»

(Obs. – Saltério é a designação comum a um antigo instrumento de cordas e a um livro que reúne uma multiplicidade de composições líricas musicais sagradas [salmos].

Cassiopeia é um agrupamento de estrelas [constelação] visível a partir do hemisfério norte.)

(Murilo Mendes, *Convergência*)

«Plantou ciprestes e, esses, talvez porque avistassem de perto a ascética Serra da Arga, puseram-se a crescer na ânsia de serem mais altos e agarrar as nuvens.»

(Obs. – «Ascética» é aqui sinónimo de espiritual ou mística – isto é, que se projeta para além dos sentidos comuns. «Ânsia» é sinónimo de um desejo intenso.)

(Aquilino Ribeiro, *A Casa Grande de Romarigães*)

«A voz da Senhora L., que naquele momento se elevou, foi um unguento, um calmante no prurido da minha cólera absurda (...).»

(Obs. – «Unguento» é aqui sinónimo pomada, creme ou gel medicamentosos. «Prurido» é sinónimo de comichão.)

(Florbela Espanca, *Os Mortos Não Voltam* [in *Máscaras do Destino*])

«Magro, de olhos azuis, carão moreno.

Bem servido de pés, meão na altura,/

Triste de facha, o mesmo de figura,/

Nariz alto no meio e não pequeno; (...).»

(Bocage, *Rimas*)

«Menina e moça me levaram de casa de minha mãe para muito longe.»

(Bernardim Ribeiro, *História de Menina e Moça*)

ANEXO 3

9º ANO / 3º teste (teste diagnóstico ulterior ao estudo d' *Os Lusíadas* – com aplicação de uma metodologia de investigação-ação)

RECURSOS EXPRESSIVOS – TESTE DIAGNÓSTICO (ANÓNIMO), ULTERIOR AO ESTUDO D' *OS LUSÍADAS*, DE LUÍS DE CAMÕES

[SEGUNDO UMA METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO-AÇÃO]

TURMA: 9º X do Liceu Alexandre Herculano (2022/2023)

Faz corresponder os excertos textuais, listados numa das colunas, ao respetivo ou respetivos recursos expressivos, listados na coluna adjacente.

1) «O meu olhar é nítido como um girassol.» (Fernando Pessoa [heterónimo Alberto Caeiro], <i>Poemas de Alberto Caeiro</i>) 2) Helena chorava de alegria. 3) «A mulher deu um grito tão grande que acordou a rua.» (José Mauro de Vasconcelos, <i>O Meu Pé de Laranja Lima</i>)	A) Metáfora – Consiste em identificar uma realidade com outra (dois seres, duas ideias, duas situações, etc.), sem a indicação clara do que lhes é comum. B) Anáfora – Repetição da mesma palavra ou expressão no início de frases ou versos sucessivos C) Enumeração – Apresentação de uma sucessão de elementos da mesma natureza (elementos enunciados consecutivamente ou em série) – que guardam entre si algum tipo de relação lógica ou semântica.
--	---

4) «A rota do serrote. A rota do algodão. A rota da colomba. A rota da Baía. A rota da montanha. A rota da baleia. A rota do relâmpago. A rota da fumaça. A rota da mazurca. A rota da galáxia.» (Obs. – «Colomba» é um neologismo alatinado sinónimo de pomba. «<u>Mazurca</u>» é a designação de uma dança tradicional de origem polaca.) (Murilo Mendes, <i>Convergência</i>) 5) «<u>A noite vinha chegando mansinha</u> e ao longe as cigarras cantavam nos espinheiros, anunciando mais verão.» (José Mauro de Vasconcelos, <i>O Meu Pé de Laranja Lima</i>) 6) «<u>O retângulo vasto do Rossio era um mar de gente</u> que os automóveis, acorridos às centenas, com dificuldade rompiam.» (Joaquim Paço d' Arcos, <i>Réveillon</i> [in <i>O Navio dos Mortos e Outras Novelas</i>]) 7) «Era barão em França, marquês em Espanha, e membro do clube dos fidalgos em Florença.» (Camilo Castelo Branco, <i>A Formosa das Violetas</i> [in <i>Noites de Lamego</i>])	D) Comparação – Recurso expressivo que consiste em relacionar duas realidades ou ideias através de nexos comparativos – «como», «mais do que», «menos do que», etc. – ou de formas verbais comparativas: «parece», «lembra», «recorda», «assemelha-se a», «sugere», etc. E) Antítese – Formulação discursiva em que se associam realidades ou ideias contrastivas ou contraditórias. F) Hipérbole – Emprego de um exagero linguístico cujo intuito é conferir um maior destaque ou intensidade à ideia que se quer transmitir. G) Aliteração – Repetição propositada de certa consoante ou de certo grupo de consoantes em segmentos próximos de um texto em prosa ou em verso. H) Personificação – Atribuição de características ou qualidades humanas a entidades inanimadas, seres irracionais, abstrações, mortos ou ausentes.
---	--

8) «O sardo. A sarda da Sardenha. A sarda do rosto./ A sardenta. A sardanisca. A sardana. A sardinha.» (Murilo Mendes, <i>Convergência</i>)	
--	--

**11º ANO / 1º teste (teste diagnóstico prévio ao estudo do
Sermão de Santo António aos Peixes)**

**RECURSOS EXPRESSIVOS – TESTE DIAGNÓSTICO (ANÓNIMO), PRÉVIO AO ESTUDO
DO *SERMÃO DE SANTO ANTÓNIO AOS PEIXES*, DE ANTÓNIO VIEIRA**

TURMA: 11º Z do Liceu Alexandre Herculano (2022/2023)

**Identifica o recurso expressivo presente em cada um dos seguintes segmentos
textuais.**

– «...sombrio casarão de paredes severas...»

(Eça de Queirós, *Os Maias*)

– «Para trás ficava a sua infância, afogada sem remédio no rio do tempo.»

(Agustín Fernández Paz, *Só Resta o Amor*, p. 126)

– «As caixas consumiram-se uma a uma, enquanto a lareira se enchia de chamas
alegres e efémeras.»

(Agustín Fernández Paz, *Só Resta o Amor*, p. 135)

– «**O administrador do banco desviou cem mil euros.**»

– «**Abram mais janelas do que todas as janelas que há no mundo!**»

(Fernando Pessoa [Álvaro de Campos], *Ultimatum*)

– «**Estrelas, que brilhais nessas moradas...**»

(Soares de Passos, *Poesias*)

– «**...a doçura da lua, a flor das laranjeiras, o lírio, a madressilva, os jasmins vacilantes...**»

(Gomes Leal, *Claridades do Sul*)

– «**...um granzoal azul de grão-de-bico / um ramalhete rubro de papoulas...**»

(Cesário Verde, *O Livro de Cesário Verde*)

– «**em menos de três tempos**»

– «**Durante as férias, lera todo o Saramago.**»

– «**...emergia sempre a senhora do património que ele não podia alcançar, nem com súplicas, nem com louvores, nem com humilhações.**»

(Agustina Bessa-Luís, *Eugénia e Silvina*)

– «Os cacos da vida, colados, formam uma estranha xícara. / Sem uso, / Ela nos espia do aparador.»

(Carlos Drummond de Andrade, *A Lição das Coisas*)

11º ANO / 2º teste (teste diagnóstico ulterior ao estudo do *Sermão de Santo António aos Peixes* – sem aplicação de uma metodologia de investigação-ação)

RECURSOS EXPRESSIVOS – TESTE DIAGNÓSTICO (ANÓNIMO), ULTERIOR AO ESTUDO DO *SERMÃO DE SANTO ANTÓNIO AOS PEIXES*, DE ANTÓNIO VIEIRA

TURMA: 11º Z do Liceu Alexandre Herculano (2022/2023)

Identifica os recursos expressivos presentes em cada um dos seguintes segmentos textuais.

– «Houve então um silêncio ansioso.».

(Aluísio Azevedo, *O Mulato*)

– «Sou um guardador de rebanhos. O rebanho é os meus pensamentos.»

(Fernando Pessoa [heterónimo Alberto Caeiro], *Poemas de Alberto Caeiro*)

– «(...) num craveiro, que eu tinha, / Onde uma cepa cansada / Mal dava cravos sem vida (...)»

(José Régio, *Toada de Portalegre* [in *Fado*])

– Sempre que tenha sido despedido e precise de redigir um «curriculum vitae», não mencione que foi despedido – faça, antes, constar: «renunciei ao cargo para abraçar novos desafios profissionais».

– «O pai deles era capitão da Guarda Fiscal, postado na Figueira havia séculos (...).»

(Jorge de Sena, *Sinais de Fogo*)

– «Razão, de que me serve o teu socorro ?»

(Bocage, *Sobre Estas Duras, Cavernosas Fragas* [in *Rimas*])

– «O comendador Bento achou-se bem, alegre, bom enxergão de lã de carneiro, a mesa farta, o leitão, o capão, o peru, o chouriço, o lombo de porco de vinho e alhos, o pato, leite puro de cabra, frutas ricas, o belo pêssego de Amarante, morcelas de Guimarães e pastéis da Joaninha, frigideiras de Braga, e o vinho verde de Basto que lhe refrigerava os ardores internos e desopilava o baço.»

(Camilo Castelo Branco, *Eusébio Macário*)

– «Vozes veladas, veludasas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.»

(Cruz e Sousa, *Violões que Choram...* [Faróis])

– Conhecia aquela matéria de trás para a frente e da frente para trás.

– O poeta romântico é um pessimista nato.

– «A Rainha estava em sua câmara e donas algumas assentadas no estrado; e o conde de Barcelos, seu irmão, e o conde D. Álvoro Pérez e Fernand’ Afonso de Çamora, e Vaasco Pérez de Caamões e outros estavam em uñ banco; e o conde Joam Fernández, que d’ ante (parêntesis nosso: ler «antes») estava em cabeceira deles, estava estonce (parêntesis nosso: ler «então») ant’ ela e começava de lhe falar passamente (parêntesis nosso: ler «devagarinho»).

(Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*)

– E dizia: A que é semelhante o reino de Deus, e a que o compararei?

É semelhante ao grão de mostarda que um homem, tomando-o, lançou na sua horta; e cresceu, e fez-se grande árvore, e em seus ramos se aninharam as aves do céu.

(*Evangelho de São Lucas 13, 18-19*)

ANEXO 6

11º ANO / 3º teste (teste diagnóstico ulterior ao estudo do *Sermão de Santo António aos Peixes* – com aplicação de uma metodologia de investigação-ação)

TURMA: 11º Z do Liceu Alexandre Herculano (2022/2023)

Faz corresponder os excertos textuais, listados numa das colunas, ao respetivo recurso expressivo ou associação de recursos expressivos, listados na coluna adjacente.

1) Privilegiava sempre a erudição. Referia-se a Lisboa como a cidade de Fernando Pessoa ou de Santo António; e, mais raramente – fazendo alusão ao seu brasão – como a cidade da barca dos dois corvos. 2) Nestas festas russas, com efeito, para mim, a coisa mais interessante e tocante tem sido a multidão. Há dias que dois milhões de parisienses vivem em permanência apinhados em três ruas: o «Boulevard» dos Italianos, a Avenida da Ópera e a Rua da Paz. A clássica sardinha na sua clássica lata, um maço de cigarros densamente apertado, grãos de café dentro do saco pançudo que quase estoura – são frouxas imagens materiais para exprimir essa massa compacta de criaturas de Deus, que se move com a espessura e lentidão de um metal mal fundido. (Eça de Queirós, <i>Ecos de Paris</i>)	A) Apóstrofe (interpelação de uma entidade, real ou fictícia, através do vocativo e do discurso direto) e Interrogação Retórica (formulação de uma pergunta sem que se pretenda obter uma resposta). B) Perífrase – Substituição de uma palavra ou expressão curta por uma mais longa com o mesmo sentido. C) Metáfora (no caso, três metáforas consecutivas) – Consiste em identificar uma realidade com outra (dois seres, duas ideias, duas situações, etc.), sem a indicação clara do que lhes é comum. D) Enumeração – Apresentação de uma sucessão de elementos da mesma natureza (elementos enunciados consecutivamente ou em série) – que guardam entre si algum tipo de relação lógica ou semântica.
--	--

3) «(...) Ah, ternos corações! Chorai comigo/
Caso tão digno de geral piedade./

Soem contínuos ais...». Porém que digo!?!/

Ah! Não, não soem, cândida Urselina,/

Nem regues com teu pranto o meu jazigo;

Dos olhos a luz pura, a luz divina/

Não deixes perturbar, antes contente/

No peito de outro amante a face inclina. (...)

(Bocage, *Rimas*)

4) Retroceder. Retroveder. Retromedir.
Retropedir./

Retrometer. Retromotor. Retropensar.
Retrogirar./

Retromirar.

(Murilo Mendes, *Convergência*, 1963-1966)

5) Visitei na sua ordem clássica, Paris, a banal
Suíça, Londres, os lagos taciturnos da Escócia;
ergui a minha tenda diante das muralhas
evangélicas de Jerusalém; e de Alexandria a
Tebas, fui ao comprido desse longo Egito
monumental e triste (...). Conheci o enjoo dos
paquetes, a monotonia das ruínas, a
melancolia das multidões desconhecidas, as
desilusões do bulevar (...).

(Eça de Queirós, *O Mandarim*)

6) Ouvi com os meus ouvidos, vi com os meus
olhos. Escrevi-lhe, indignado, uma carta pelo
meu próprio punho.

E) Aliteração – Repetição propositada de certa consoante ou de certo grupo de consoantes em segmentos próximos de um texto em prosa ou em verso.

F) Polissíndeto – Repetição de elementos de ligação (conjunções) entre palavras, segmentos frásicos ou frases coordenados – as conjunções repetidas são normalmente: «e», «ou» ou «nem».

G) Sinédoque – Caso particular de metonímia, no qual se observa que o todo é designado pela parte ou a parte é designada pelo todo.

H) Pleonasmo – Emprego de palavras ou expressões que repetem uma ideia que já se achava expressa ou já estava implícita ou pressuposta.

**7) E quando o Sol mais luzia,
e seus raios apurava,
e a Lua aparecia
mais clara que o meio dia;
e quando Vénus cantava,
e quando Mercúrio estava
mais pronto em dar sapiência;
e quando o céu se alegrava,
e o mar mais manso estava,
e os ventos em clemência (...).**

(Gil Vicente, *Exortação da Guerra*)

**8) O grego e o romano clássicos eram
politeístas. Hoje em dia, os hindus também o
são.**